Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Distribuição Gratuita | Abril | Nº 7 | 2000

# ENCONTRO NACIONAL DA REDE LEADER II

P3/4 Actividades da Célula ■ P6 Pessoas ■ P8 Seminário da Guarda ■ P12/15 Actividades da rede

P20 Queijadas da Graciosa

P12/13 I SIMPÓSIO DE ARTES E OFÍCIOS DOS AÇORES

por Samuel Thirion

### APÓS O ENCONTRO NACIONAL DE ÉVORA

# URGE INTENSIFICAR A REFLEXÃO COLECTIVA

Sobre a melhor maneira de defender e preparar o futuro do D.L. e das entidades que o implementam, numa perspectiva de médio e longo prazo. O Encontro Nacional da Rede LEADER em Évora tinha, entre outros, o objectivo de iniciar uma nova etapa no processo de animação em curso.

Enquanto o primeiro ano de animação foi essencialmente dedicado a fazer emergir, de baixo para cima, o conhecimento mútuo e a reflexão colectivas, o principal objectivo deste novo Encontro era abrir um espaço e tempo de debate que permitisse identificar as mais importantes questões a discutir em relação ao futuro, dando assim continuidade ao trabalho já iniciado com outros temas, tais como: o contributo da experiência LEADER para a política Nacional de Desenvolvimento Rural, (envolvendo colectivamente a rede e as próprias CLA) assim como os trabalhos em curso sobre os métodos de "aquisição de competências pela auto – avaliação" instrumento de grande valia para a preparação de novos planos integrados de acção local, e ainda, o trabalho já desenvolvido sobre a questão dos novos instrumentos de engenharia financeira aplicáveis a futuros programas.

Por outro lado, este foi o primeiro encontro e oportunidade para uma análise conjunta do próprio trabalho da Célula, após um ano de aplicação prática da metodologia proposta.

### No fim do Encontro o balanço que podemos tirar deste exercício é mitigado.

Todos falaram, mas poucos se interessaram pelo debate, pelos pedidos de esclarecimento, pelo aprofundar da análise do contraditório existente entre as diversas práticas e posições assumidas. Houve mesmo quem pusesse em questão o interesse deste exercício. Quem fosse dizendo pelos bastidores – "já sabemos todo isso através do jornal Pessoas e Lugares, o que interessa aqui é outra coisa, é falar do futuro.

Pareceu-nos que estas pessoas queriam, muito mais, falar "do futuro que lhes será «imposto» do que do futuro que em conjunto desejam construir!

Falar do futuro é somente falar das políticas de apoio que estão em preparação, quer seja no QCA ou nas novas Iniciativas Comunitárias, ou é, também; preparar-se para fazer propostas concretas, a nível da rede das ADL, a partir da experiência de trabalho acumulada nestes anos? Saber o que nos propõem é importante, consensualizar ao nível da rede o que é justo exigir e, ter a capacidade de o propor, é dar conteúdo e coerência à aplicação do princípio da subsidariedade e do tão enaltecido método "de baixo para cima"!

Os dois aspectos, ouvir e propor, são importantes, Procurou-se, em colaboração com a Comissão Nacional de Gestão do LEADER, introduzir estas duas vertentes neste Encontro Nacional. O ponto da situação do LEADER II e as perspectivas do seu encerramento tratadas pelo Eng. Nuno Jordão, a apresentação do LEADER + desenvolvida pelo Eng. Rui Barreiros, Director Geral do Desenvolvimento Rural forneceram esclarecimentos sobre o presente e imediato futuro, (encerramento do LEADER II) e elementos indicativos sóbre a evolução normativa de enquadramento do LEADER +, confirmando-se alguns receios quanto à participação das ADLs no processo de construção do "plano nacional de enquadramento do LEADER +".

Será provavelmente difícil ir mais longe na articulação entre políticas de apoio ao desenvolvimento rural e práticas de terreno, se não existir força de reflexão colectiva ao nível da rede das ADL.

### A FEDERAÇÃO CHEGOU TARDE OU AINDA A TEMPO?

A este respeito, atente-se na exposição feita pelo Secretário Geral da Agricultura e Pesca da Região Autónoma da Andaluzia, Eng. José Emilio Guerrero (ver resumo da sua intervenção na pag. 11) que nos apresenta um caso de grande sintonia entre processos nascidos do terreno e políticas pensadas a nivel regional...Ora, como o ilustra o caso da Andaluzia, esta sintonia não pode nascer sem a emergência de uma força de proposta colectiva nascida da prática do terreno. A organização dos grupos LEADER e posteriormente PRODER, numa rede formalizada ao nível da região (federação), o diálogo que se praticou desde o início entre os grupos organizados e o Governo Regional, o papel da Universidade, foram alguns pontos chave do sucesso deste exemplo.

Isso não quer dizer que devemos tomar o exemplo da Andaluzia como um modelo ideal, mas, como disse José Emilio Guerrero, como um caso a partir do qual há que buscar inspiração para poder fazer ainda melhor. E o melhor que talvez se poderá conseguir é a emergência e a articulação de competências diversificadas e complementares umas das outras, nas diversas zonas do país, que possam ser valorizadas a nível da rede.

O processo de animação que nos esforçamos por aplicar, de baixo para cima, visa obter essa "emergência articulada" para a definição de objectivos comuns. Cada um dos seminários já programados: tanto o da Guarda em Abril sobre a construção de estratégias de Desenvolvimento Integrado, como o de Viseu sobre a aquisição de competências pela auto – avaliação, visam esse objectivo e poderão ser um contributo mais, para melhorar a compreensão da necessidade duma maior articulação inter-grupos e estratégias regionais.

Se estas questões da auto-avaliação do trabalho realizado pelas ADL e da concertação inter-sectorial para construir uma estratégia de desenvolvimento integrado ao nível de um território (para além dos novos instrumentos financeiros sobre os quais já existe um grupo de trabalho) são fundamentais para o futuro, há que aprofundar outras, se quisermos consolidar os processos de desenvolvimento local em meio rural e assegurar uma continuidade após 2006. Por exemplo: questões relativas à ligação com as "pessoas" populações locais, ao relacionamento com os promotores de projectos visando o seu desenvolvimento (qual é a evolução - adesão que esperamos deles), em relação à estratégia global definida para o território as formas de seleccionar projectos, etc. e também questões relacionadas com a integração de grupos específicos; escolas, agricultores, artesãos etc.?

Como fazer um "inventário" destas questões fundamentais para o futuro? Como ordená-lo em termos de importância? Como assegurar que sejam todas tratadas nas actividades emergentes dos grupos de proximidade sem pôr em questão a autonomia de cada grupo na escolha dos temas a trabalhar? Como assegurar o aproveitamento dos resultados do trabalho de cada grupo para o conjunto da rede? Eis algumas das questões que se põem neste momento sem que tenhamos ainda uma resposta clara sobre o assunto.

O Encontro de Évora teve o mérito de por o problema, mas pouco mais que isso. Nos próximos meses haverá que dar forma a esta reflexão colectiva. A Célula procurará, na medida do possível, facilitar este processo de várias formas.

Em primeiro lugar, apoiando-se nos instrumentos de comunicação de que dispomos. Além do jornal Lugares e Pessoas, o Site Internet poderá ser cada vez mais um instrumento valio-so para facilitar um debate colectivo. Um esforço particular das nossa parte será feito para a sua dinamização nesta perspectiva.

Em segundo lugar, no próprio trabalho realizado nas trocas de experiência, formação e preparação de seminários, procurar-se-á posicionar os debates e as reflexões em relação as necessidades não só dos grupos envolvidos mas também da rede no seu conjunto.

Finalmente, dois temas chave sobre os quais existe um grande capital de experiência acumulado durante o LEADER I et LEADER II.: - "a parceria local e a cooperação inter-territorial"serão tratados prioritariamente. Este trabalho será realizado em parceria com a Comissão Nacional de Gestão LEADER que também dispõe de muitas informações acumuladas sobre estes temas. Temas que serão objecto de cadernos temáticos a produzir num prazo relativamente breve.

# ENCONTRO DE PROXIMIDADE DE TRÁS-OS-MONTES



Enter Paula Santos

O "mundo maravilhoso" de que fala Miguel Torga ficou para o fim da actividade da Célula, na sua fase inicial de Encontros de Proximidade. Perdidas nos confins do País, para lá das linhas das montanhas, Trás-os-Montes alberga as mais genuinas paisagens (geográficas e humanas) de Portugal. Foi por lá que andámos no final de Fevereiro, entre a raia de Chaves e as inesqueciveis paisagens do Douro. A receber-nos a ADRAT, a BEIRA DOURO, a DESTEQUE, e a DOURO HISTÓRICO. Realidades e experiências diversificadas mas, sempre, o entusiasmo e o empenhamento de equipes de jovens técnicos no trabalho de solidificação das parcerias e de animação junto das populações.

Entre as muitas descobertas que fomos fazendo, no contacto com as associações, uma constatação óbvia - as dificuldades de dinamizar as enormes zonas de intervenção com equipes reduzidas de técnicos. "Vinte e um concelhos na área de intervenção de duas associações, com recursos humanos limitadissimos, como podemos dizer que o espaço rural do País está coberto pelo LEADER?" foi uma das perguntas que ficaram suspensas da reflexão produzida no Encontro de Proximidade de Trás-os-Montes, que teve lugar em Sabrosa a 23 de Fevereiro último. Uma situação que limita seriamente a intervenção das Associações e que só tem sido possível ultrapassar através de uma articulação permanente com os principais actores locais e com a articulação dos diversos instrumentos de apoio para potenciar a actuação das ADL

E a reflexão produzida, que partiu das experiências positivas e negativas de cada um dos GAL presentes na implementação do LEADER foi viva e produtiva. Muitas questões ficaram pendentes e deverão enriquecer a Troca de Experiências que se seguirá.

A DESTEQUE trouxe ao Encontro a sua intervenção de qualificação das Aldeias, implementada nos concelhos de Mirandeia e de Macedo de Cavaleiros. Uma intervenção que apostava na qualificação dos espaços e na melhoria da qualidade de vida das populações. Uma intervenção que obrigou a associação a um trabalho directo junto das pessoas, no levantamento das necessidades e na definição dos projectos necessários, com a permanente preocupação de respeitar e potenciar a vivência das próprias aldeias. Uma iniciativa que se revelou extremamente motivadora para os técnicos e pedagógica para o trabalho de desenvolvimento rural que se pretende.

Da experiência, a própria DESTEQUE retirou ensinamentos, já que a prática da sua implementação revelou pontos fortes e pontos fracos que ficam como mais valia para a intervenção futura. "Mais importante do que fazer as coisas é a forma como fazer as coisas", foi uma afirmação que ficou bem forte no espirito de todos os presentes.

A DOURO HISTÓRICO partilhou o seu trabalho desenvolvido no concelho de Murça, de valorização do património concelhio e da sua utilização como instrumento de animação turística. Um trabalho que envolveu uma via romana, os numerosos castros existentes no concelho, as fontes de mergulho, o castelo e que deu origem à produção de circuitos de visita e de folhetos divulgadores. Tudo complementado com a criação de um Posto de Turismo e de um posto de venda de produtos locais, numa intervenção articulada de organização da oferta turística do concelho.

E no ar ficaram perguntas, sempre repetidas nos Encontros de Proximidade ao longo do País - como chegar às populações, como fazer a divulgação das intervenções?

"Em vez de pór placas do LEADER devíamos pór poemas que enaltecessem a parceria que possibilitou a concretização das acções. Pomos placas a assi-

nalarem os instrumentos de apoio, a referirem as instituições que lhes deram corpo, mas nunca referimos o trabalho efectivo do desenvolvimento local, trabalho participado das populações, dos técnicos, dos líderes locais" - foi uma ideia que passou, subversiva, pelo pensamento de todos.

A ADRAT, mais do que um projecto singular, quis evidenciar o trabalho necessário de articulação dos diversos instrumentos de apoio na condução de uma estrategia de intervenção para o território. Só essa metodologia pode ultrapassar as carências financeiras de cada um dos instrumentos e potenciar a intervenção. Por outro lado, a selecção de projectos-ancora que despoletem um processo multiplicador de intervenções foi também trazido à reflexão e ilustrado com o caso concreto da criação de um Centro Hipico numa aldeia de Montalegre.

Outro aspecto interessante apresentado por esta associação foi a sua estratégia de privilegiar os projectos colectivos e de utilizar, localmente, interlocutores colectivos para o trabalho com as populações.

E como associação com pergaminhos no âmbito da cooperação, não se livrou de explicar aos presentes o seu projecto de cooperação transnacional sobre termalismo, em que a complementaridade de abordagens deste recurso endógeno é ilustrado pela prática de várias associações de três países.

A BEIRA DOURO, consciente das limitações em recursos humanos para um território tão alargado como o seu, definiu como estratégia a coordenação de esforços com uma série de entidades do território que, em articulação com o recurso a diferentes fontes de financiamento, possibilitou uma intervenção alargada e mais próxima das populações. Exemplo disso é a Rota do Vinho do Porto, projecto dinamizado pela Comissão Regional de Turismo, a Rota das Vinhas de Cister, em colaboração com a Comissão Vitivinicola das encostas de Varosa, os Itinerários Turístico-Culturais da zona do Douro, com a Associação Empresarial. Todos eles projectos concertados e viabilizados com outras fontes de financiamento, como o foi, igualmente, a dotação de uma série de equipamentos para a prática de desportos radicais, financiada pelo Prodouro.

Na impossibilidade de efectuar um trabalho intenso com as populações, o diálogo permanente com os diferentes actores locais permitiu-lhe um eficaz levantamento das necessidades e uma intervenção no terreno que ultrapassou muito a capacidade de intervenção do LEADER.

Quatro associações vizinhas, todas elas partilhando esse "mundo maravilhoso" em Trás-os-Montes plantado. Quatro associações que se ficaram a conhecer melhor e que, em Mirandela, estarão em breve a protagonizar mais uma Troca de Experiências, na esperança de fortalecerem os laços que as unem, de ganharem novas motivações para o trabalho do desenvolvimento rural e de continuarem a (permanente) busca de soluções para a sua prática do dia a dia.

Francisco Botelho

# TROCA DE EXPERIÊNCIAS EM MELGAÇO E NA BRANDA DA AVELEIRA

A principal actividade agro-pecuária das terras altas do Minho foi durante muito tempo a criação de gado bovino em regime semi-extensivo. A esta actividade estava associada uma transumância das populações, que entre Maio e Outubro se deslocavam acompanhando o gado para aproveitar as pastagens das zonas mais altas. Algumas pessoas abandonavam a habitação principal, a qual só voltavam com a chegada do frio, vivendo entretanto em pequenas aldeias na montanha em casas simples e rústicas: as Brandas. Actualmente, com a redução da importância da criação de gado e a alteração dos hábitos muitas destas brandas estão abandonadas.



Fotos: Luis Chave

A ADRIMINHO convidou-nos para trocar experiências na Branda da Aveleira. No dia 25 de Março subimos a serra para conhecer o projecto de turismo de aldeia apoiado pelo LEADER / ADRIMINHO, e encerar a Oficina de Troca de Experiências que envolveu também a ADRIL, a ATAHCA e a SOL DO AVE. Na véspera em Melgaço, no Solar do Alvarinho, discutiram-se intervenções das quatro ADL e, ao fim do dia, o Alvarinho fez as honras da casa e acaimou as gargantas secas...

Em cada oficina, encontro ou seminário vamos trocando e discutindo as diferentes experiências das associações. Mas há aspectos que são reincidentes, assuntos transversais às acções e aos projectos: a formação/educação para o desenvolvimento, o papel do agente de desenvolvimento, os sucessos e as dificuldades do associativismo (florestal)...

E agora, a palavra aos participantes!

"Vivemos numa área em que o associativismo florestal não existia. No início tivemos bastantes dificuldades, começámos por contactar as Câmaras, as Juntas de Freguesia e depois os proprietários florestais em reuniões que fizemos nas juntas... A criação desta associação florestal foi um processo longo, que durou um ano, no fim do qual tinhamos reunido 25 associados. Verificamos que as pessoas só se associam se antevirem que vão ter proveitos financeiros...são raros os que se associam apenas pelo apoio técnico que vão receber, ou por preocupações ligadas ao ordenamento florestal... Como aqui as áreas florestais são muito reduzidas, só agrupados é que os proprietários florestais podem ter acesso aos programas de financiamento..."

"Nós pensamos que seria útil que a gestão dos fundos relacionados com a floresta fosse confiada às ADL. Talvez fosse muito mais fácil, nas respectivas áreas de intervenção, estes fundos serem geridos sem as peias que existem quando têm que passar pela Direcção Regional das Florestas, pelo IFADAP, etc."

"...mesmo ao nível agrícola!.. e do turismo rural..."

"Para uma ADL, que ainda tem uma vida curta, as iniciativas chamadas imateriais, que são as feiras, festas, etc. contribuem para o nosso trabalho a nível local, para que as associações sejam conhecidas, para que os técnicos sejam conhecidos, para que as pessoas saibam para o que serve a ADL, o que é que faz a associação, o que é o Programa LEADER, que tipo de projectos é que o programa pode apoiar. E acima de tudo, também podem contribuir para que a própria população se reconheça na estratégia e nos objectivos da ADL. Os projectos deste tipo acabam por ter um resultado e um impacto que não é visível de uma forma imediata, mas que a médio prazo pode ser benefico, não só para o território, mas também para nós técnicos e associações"

"Caloca-se uma questão importante. O que é um agente de desenvolvimento? O que faz? Quais as suas funções? É difícil arranjar agentes de desenvolvimento local e isso não passa apenas por uma questão monetária. É difícil encontrar pessoas com o perfil psico-social adequado, que é o mais importante. Eu, que tenho experiência de terreno. sei que é muito complicado gerir conflitos para obter consensos."

"O trabalho de uma associação de desenvolvimento é difícil. Porque na nossa sociedade há muito egoísmo. Acho que todos precisamos de dar as mãos. Não gosto de capelinhas, ou lá o quer lhe queiram chamar. As instituições são autónomas, mas têm que colaborar entre si."

Muito mais foi dito e outro tanto ficou por dizer... Ninguém se encolheu! O tempo é que não dá para tudo. Mas mais ainda fica por escrever. Isto são só umas pontas soltas, para quem as quiser agarrar.

Participaram nesta oficina

Ana Paula Xavier, Henrique Tavares, Américo Reis, Manuel Guardão, Margarida Barbosa, José Maria, António Solha, Agostinho Alves, Isabel Domingues, António Torres, Delfina Dias, Alexandrina Monteiro, Francisco de Calheiros, Augusto Gil Dias, João Mota Alves, Paulo Pereira, José Antunes, Fernando Jorge Dias, Maria Adelaide Soares, Mafalda Cabral, José Sousa Guedes, Rui Rafael, Camilo Mortágua, Luís Chaves.



1 de Abril

No Anfiteatro dos Bombeiros Voluntários de Peniche, pelas 13h30. De manhá realiza-se a conferência "Organização Autónoma do Desenvolvimento Local e Medidas do QCA III para o Desenvolvimento Rural" (T. 21 3978794)

### I ENCONTRO ITINERÁRIOS DO PATRIMÓNIO

6 a 8 de Abril

Na Quinta de Villa Beatriz, em Póvoa de Lanhoso, numa organização da Câmara Municipal de Póvoa de Lanhoso, pretende-se reflectir sobre o estado actual do património edificado, métodos de recuperação e novos usos a atribuir ao mesmo, aproximando a comunidade duma herança comum e sensibilizando-a para a sua preservação e valorização numa perspectiva cultural e turística. Contactos e inscrições no Gabinete de Turismo da C.M. de Póvoa de Lanhoso cmplanhoso@mail.telepac.pt.

### EXPOSIÇÃO/MOSTRA DE INI-CIATIVAS

6 A 8 de Abril

A ADRIMAG vai participar com uma Exposição/Mostra de Iniciativas no Seminário europeu "Desenvolvimento local, Cidadania e Economia Social" que se vai realizar no Europarque, em Santa Maria da Feira, naquelas datas.

### AG AGROBIO

16 de Abril

Um espaço de discussão das linhas de acção da associação para o próximo ano, tendo em conta o desfecho da Agenda 2000 e as perspectivas do III QCA. (T. 21 3641354)

### OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE

### VISITAS BIOLÓGICAS

29 de Abril

A AGROBIO pretende relançar as visitas a explorações biológicas como forma de troca de experiências entre agricultores. A primeira vai realizar-se em Salva, no Algarve, à Quinta da Figueirinha e sede da Associação de Agricultores Biológicos do Algarve (T. 282 442671)

### AGRICULTURA NO ALQUEVA

17-19 de Abril e 15-16 de Junho

No Auditório do Instituto Politécnico de Beja. Organizado pelo Centro Operativo e de Tecnología de Regadio, com o objectivo promover a discussão sobre as potencialidades da agricultura de regadio na região do Alqueva. (T. 284 321582).

### A EUROPA E A SEGURANÇA ALIMENTAR

19 de Abril

Na AIP em Lisboa (Antiga FIL), numa organização do Centro de Informação Europeia Jacques Delors. Fórum alargado de discussão sobre esta matéria, reunindo representantes das Instituições Europeias, autoridades dos Estadosmembros, parceiros sociais, cientistas e público em geral. http://www.cijdelors.pt/

### SEMINÁRIO SOBRE O FUTURO DA POLÍTICA SOCIAL

5-6 Maio

O Ministério do Trabalho e da Solidariedade organiza, em Lisboa, o seminário "A Europa, a globalização e o futuro da Polltica Social", no âmbito das actividades da Presidência Portuguesa da União Europeia (T. 21 3114946; psilva@mts.gov.pt)

### SEMINÁRIO SOBRE PROTEC-ÇÃO SOCIAL

12-13 de Maio

Organizado pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade em colaboração com a Associação portuguesa de Segurança Social, realiza-se no Porto, o seminário "Os Novos Desafios da Protecção Social: a Dependência" (T. 21 8441731; aluis@mts.gov.pt)

### E AINDA...

### **AGRO**

12-16 de Abril

Realiza-se no Parque de Exposições de Braga a "AGRO – Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Al.imentação" (T. 253 616788)

### VIII FACIG

5-13 de Agosto

A ADIBER – Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra em colaboração com a Câmara Municipal de Góis, está a organizar a VIII FACIG – Feira Agrícola, Comercial e Industrial de Góis, que decorrerá de 5 a 13 de Agosto no Parque do Cerejal. Para obter a ficha de inscrição, o regulamento e informações adicionais, contactar Rui Catarino ou Eunice Saraiva da ADIBER (T. 235 772538).

### NOVIDADES SUECAS

O contrato para a Unidade de Animação da Rede LEADER na Suécia terminou. No entanto, começou um novo projecto chamado "Informação sobre acções do LEADER II" que tem uma abordagem semelhante à da "antiga" Unidade de Animação da Rede LEADER II. As principais actividades a realizar são seminários sobre acções inovadoras, boletins de informação, um site internet actualizado e bases de dados sobre acções LEADER II. O projecto vai continuar durante todo o ano 2000. O novo coordenador deste projecto é Hans-Olof Stálgren, também responsável pelo Carrefour Västernorrland. Os contactos são:

Hans-Olof Stälgren

Nordvikskolan, Nordvik, 872 98 Noraström

Tel.: +46 613-71 12 50

Fax: +46 613-71 12 99

Móvel: 0046 70-330 42 37 E-mail: carrefour@com.itv.se

Nils Lagerroth, o anterior coordenador da Unidade de Animação da Rede LEADER vai continuar na actividade que tinha anteriormente na Sociedade de Agricultura e Economia Rural de Uddevalla.

### **ENCONTRO LEADER FRANCÊS**

6-7 de Julho

A Unidade de Animação LEADER francesa e o CNASEA organizam a 6 e 7 de Julho de 2000 um "Encontro nacional LEADER II" para retirar os ensinamentos do LEADER II em França e examinar as condições de perenidade da intervenção (através do LEADER +, CPER, Docup Objectivo 2 e políticas das colectividades territoriais).

O Encontro será realizado na Bretanha, em colaboração com o GAL Centro Oeste Bretanha.

### Programa

6. Julho

14.00h - Abertura / Objectivos do Encontro

15.00h - Balanço do LEADER II

15.30h/17.30h - As conquistas do Programa e as condições de perenização

Grupos de trabalho sobre as 8 especificidades do Programa

17.30h/19.30h - Espaço PROMOGAL

20.00h - Jantar e animações

### 7. Julho

09.00h/10.00h - Políticas e instrumentos existentes

10.00h/13.00h - Perenizar as conquistas do LEADER II

Mesa redonda / restituição dos Grupos de Trabalho / Debate

13.00h/14.30h - Almoço

14.30h/16.00h - Programa nacional "LEADER +"

Apresentação / Debate

16.00h - Encerramento

### Contactos da Unidade Francesa LEADER

Email ualeader@club-internet.fr

Site: http://www.reseauleader.com

# O PRINCIPAL ESTÁ CÁ DENTRO!

"Nasci em Covide, vivi em Covide, estudei aos bocados, fui fazendo cursos, sou técnica social e sempre trabalhei em Covide... Tenho 74 anos e tenho amor à minha terra."

### Pessoas e Lugares: Como começa o trabalho da Maria Adelaide em Covide?

MA: Sempre trabalhei com jovens, com grupos, a nível cultural, ranchos folclóricos, grupos de cantares e danças. Mas não estava sozinha. Havia um grupo de jovens que dinamizava as accões culturais.

Em 85, quando começaram as primeiras acções de formação com o Instituto de Emprego, a Casa do Povo fez um projecto, mas não teve pedalada para se aguentar. O Centro Social assumiu o projecto. Foram 45 os jovens que fizeram essa primeira formação. Após a formação era necessário fazer qualquer coisa e surgiu a ideia de construir um pavilhão para as artesãs trabalharem. Com a ajuda da Câmara, a população construiu um pavilhão por onde passaram todas as actividades ligadas ao artesanato.

### PL: Quando e como aparece a Associação Pedras Brancas?

MA: A associação só surge em 96... O Centro Social é uma IPSS e por isso não pode comercializar o artesanato. Aquilo começou a dar complicações porque as pessoas queriam facturas. Em 94, eu colectei-me para resolver o problema, mas como as actividades estavam a crescer, criou-se a Associação Pedras Brancas para fazer a comercialização e dar mais qualidade à produção, inovando.

### PL: Quais são as principais actividades da associação?

MA: O artesanato apareceu para criar postos de trabalho, principalmente para as mulheres, e preservar a tradição nas Terras de Bouro. A ajuda que temos dado, não só ao nível da freguesia como do concelho, tem sido uma ajuda a comercialização dos produtos.

A Associação está agora com uma campanha do linho caseiro, fez uma inovação sem perder o tradicional (com o apoio
do LEADER / ATAHCA para aquisição das máquinas), numa
tentativa de rentabilizar a actividade, sem a transformar
numa fábrica. Criámos uma empresa de inserção social "A
nobreza do linho, da planta ao tecido", são cinco trabalhadoras que semeiam, tecem, fazem tudo... Trabalham só nesta
empresa e no fim do mês têm o seu vencimento.

O artesanato, só por si, não dá. Tem que estar ligado a outras coisas. E é nisso que temos andado a trabalhar. O que vai resolver a situação é o desenvolvimento do turismo. Esse dinheiro virá ajudar nas despesas que se fazem com o artesanato.

Na loja da associação, para além do artesanato, estão os produtos agrícolas, aquilo que as pessoas sabem fazer: o queljo, o mel, a broa...

A minha grande esperança é a formação. Hoje, por exemplo, faço uma acção de formação, e as pessoas vão. Claro que querem aprender mas por outro lado, como não há indústria, é um subsidio que recebem. Quase que olham para aquilo como um emprego...

Aquelas que fizeram formação em 86, 87, 88 e 89 criaram a sua propria empresa. Agora temos um grupo grande de artesão que fizeram um curso de formadores e que têm andado a dar formação por todo o país. O que para mim é uma alegria muito grande.

Agora também queremos apostar na gastronomia tradicional. Vamos fazê-lo na Calcedónia, onde já existe um espaço.

### PL: Calcedónia; como e porquê?

MA: Eu e os meus irmãos cedemos umas propriedades e criámos a Fundação é uma Fundação para o desenvolvimento rural da região, que está a dar os primeiros passos e vai apostar em tudo aquilo que necessita de terrenos. Por exemplo, plantações de linho e ervas aromáticas...

Neste momento, está a ser recuperado um espaço para a escola-oficina das ervas aromáticas e medicinais. Eu tenho um sonho, um desejo muito grande de que aquilo vai ficar muito bonito. Não temos dinheiro, por isso temos que ir devagar. O objectivo é mostrar às pessoas os usos e costumes de antigamente. Temos um moinho na propriedade que vai ser recuperado para moer a farinha para a broa. Vamos usar tudo o que é tradicional para confeccionar os alimentos que vamos servir.

### PL: Qual foi e tem sido o seu papel nestas coisas todas?

MA: Neste momento, eu continuo a fazer parte da direcção do Centro Social, sou presidente das Pedras Brancas e sou gestora e fundadora da Calcedónia

Eu, desde sempre, estive ligada a tudo isto, e portanto as coisas estavam dentro de mim. E queria trabalhar para os objectivos principais que tinhamos desde o início: a fixação das pessoas e a preservação do património cultural.

### PL: Parece que agora está preocupada em saber quem vai continuar o trabalho que iniciou.

MA: Estou, mas não é por não haver pessoas que façam o que eu fazia. Por exemplo, o Centro Social teve muitos problemas e neste momento não tem nenhum. Está tudo organizado. Chega-se ao fim do mês e há um subsidio da Segurança Social, e portanto podem pagar-se os vencimentos a um grupo de técnicos da terra que foram fazer os seus cursos e ficaram na terra. São pessoas que viveram a situação desde o inicio. Se não fossem as actividades do Centro, os 17 funcionários teriam de emigrar. Depois há outra questão: esta gente foi criada ali; está sensibilizada e tem amor às coisas. São é processos que demoram o seu tempo.

Na Associação é mais difícil, pois a Associação não tem nada. Era preciso que houvesse um fundo de maneio. Más vai resolver-se porque há pessoas capazes... Eu costumo dizer: o que faz falta é animar a malta. Porque nós somos formados de espírito e matéria. E ás vezes, o espírito está pronto; a matéria é pesada; é preciso dar uns saltinhos, dançar um bocado para se animar.



### bibliografia leader

Toda a freguesia anda à volta do Centro Paroquial e da Associação Pedras Brancas que têm por principal dinamizadora a D. Maria Adelaide. Se não fosse

uma pessoa como ela, Covide não seria aquilo que hoje é.

### PL: Durante estes anos todos, fez à sua volta uma certa escola que possa indiciar a continuidade do processo ?

MA: Não. Talvez tenha sido má professora. O que já apareceu no Centro Social, há-de aparecer na Associação e na Fundação. Estou sempre à espera. Já estive para ir embora e fiquei a meio do caminho. E agora já não vou sem que isto fique assegurado. Ninguém é insubstituível. As vezes, faz falta que uma pessoa desapareça, seja esquecida para que haja outros que agarrem. Mas mesmo assim, essa escola de que falou tem sido uma preocupação. As pessoas colaboram, mas têm medo de arriscar. A Associação não tem fundos. É uma Associação sem fins lucrativos. Quando chegar a um ponto, e eu tenho esperança que há-de chegar, que tenha dinheiro para poder compensar as pessoas, o problema da continuidade vai resolver-se. Já agora vou lançar um desafio à ATAHCA, que tem sido muito nossa amiga. Os técnicos são amigos porque vão ao terreno, conversam com as pessoas, sabem o que se passa. Sabem da nossa vida, das nossas dificuldades e dos esforcos que se fazem. Se, neste momento, a ATAHCA dissesse: "vamos dar a possibilidade à Associação Pedras Brancas de ter um técnico a tempo inteiro", eu ficava toda contente.

### PL: Como tem vivido, ao longo destes 20 anos, com os conflitos de ordem partidária?

MA: Eu não sou política mas vivo com os políticos. Uma coisa que tenho tido é paciência. As qualidades que tenho são inatas. Agora, quando começo a pensar na minha infância, acho que iá era líder. Não é nada meu. São dotes que Deus me deu. Há conflitos? Claro que há. Covide não é nenhuma terra santa; é igual às outras. No meio dessas situações, tem-me valido muito é esta graça especial que Deus me deu: engolir muitos sapos. Embora eu diga à frente da pessoas o que tenho a dizer. Às vezes, calo-me e fico à espera de uma hora mais oportuna. Ao longo deste tempo, tenho convivido com homens, e os homens querem mandar. Agora as mulheres precisam de saber ser mulheres. Se souberem ser mulheres quem manda são elas. É preciso uma dose muito grande de paciência e sentido de oportunidade.

### PL: A D. Maria Adelaide é uma agente de desenvolvimento. A sua formação foi importante para exercer estas funções?

MA: Tenho tido muitas formações ao longo da vida: curso de agente de educação familiar, na Escola D. Luís de Castro, tive um curso de artes de tecidos na Escola Comercial, depois um curso de corte e costura na Singer, e depois seminários e outras formações. Mas não é isso que me dá motivos de glória. Essas coisas têm-me ajudado muito a poder trabalhar. O principal está cá dentro. É uma vontade muito forte e firme de ser útil. De fazer alguma coisa pelos outros. Tentei durante este tempo dar o meu melhor sem nunca ser remunerada... Não sou exemplo para ninguém pois quem trabalha merece o seu salário.

Há uma coisa que no nosso meio é muito importante: o técnico tem que descer ao nivel da realidade... Eu costumo dizer aos estagiários que passam pelo Centro que nós não adquirimos estatuto colocando-nos num pedestal. Temos uma rapariga a trabalhar na Pedras Brancas que fez um curso de agente de desenvolvimento e que está agora no escritório da Associação. Esta rapariga, e isto é uma apreciação muito pessoal, já aprendeu mais neste ano a trabalhar ao pé de mim do que no curso que fez.

Luis Chaves

### AGROAL. ESPAÇO DE DESCOBERTA DA NATUREZA NO ALTO NABÃO

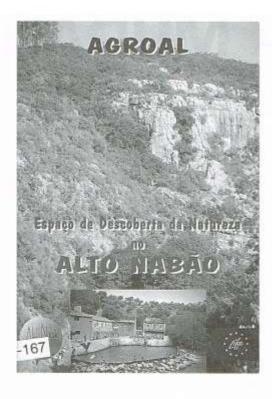
de José M. Alho e Sérgio Lopes, 1997

Apoiado pelo Programa LEADER / ADIRN

O Agroal, na bacia do Nabão, junto ao Tejo, é uma região com características muito específicas, que lhe são conferidas pela geologia, pelo clima e pela hidrologia.

Natureza rica em fauna e flora, possui agora um projecto de turismo ambiental, com actividades ligadas ao recreio, observação da natureza e espeleologia.

É a apresentação do enquadramento patrimonial e a divulgação do projecto turístico-ambiental que este folheto de 17 páginas produzido pela Quercus em 1997 possibilita.



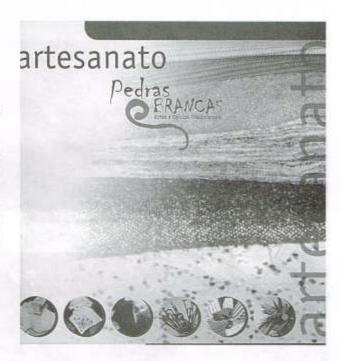
### ARTESANATO, PEDRAS BRANCAS, ARTES E OFÍCIOS TRADICIONAIS, 1999

Apoiado pelo Programa LEADER / ATAHCA

Caderno que apresenta a Associação Pedras Brancas, de Covide, Terras de Bouro e o seu artesanato.

Em 59 fichas ilustradas são apresentadas peças fabricadas e comercializadas pelos artesãos da Associação, onde são incluídos os dados de dimensões, materiais, cuidados de utilização e tempo médio de produção.

A produção mais significativa é a da tecelagem do linho, até porque, noutros tempos, "cada família semeava o seu campo, tinha as suas rocas e os seus fusos e a um canto da casa um tosco tear...



### ROTEIROS DE CHAVES, COORDENAÇÃO

de Júlio Montalvão Machado e Isabel Viçoso, Chaves, 1999

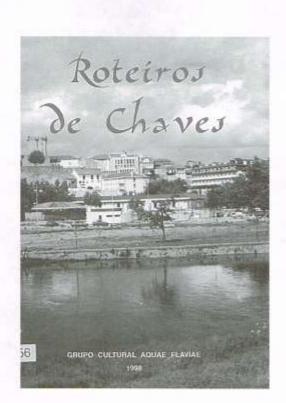
Apoiado pelo Programa LEADER / ADRAT

Neste livro, profusamente ilustrado e de quase 500 páginas, está compilada toda uma significativa informação sobre a cidade de Chaves e a região envolvente.

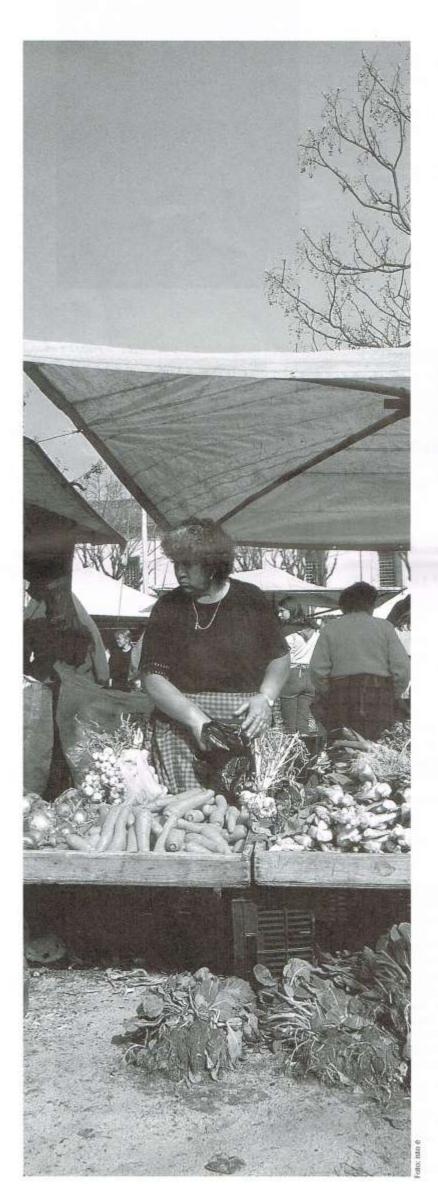
Iniciado com uma pequena nota monográfica sobre Chaves, este livro sugere um conjunto de roteiros temáticos: Rumo à Raia; Pelo ancestral Concelho de Ervededo; Deambular entre Arte Rupestre; Solares e Quintas da margem direita do Tâmega; Navegar na margem esquerda do Tâmega em direcção ao Vidago; a beleza da bacia da Ribeira da Oura; na Rota do Brunheiro; das memórias do romano ao românico; Vestígios dos Caminhos de Santiago; Viagem histórica à Serra de Mairos; Memórias de castros e Castelos.

Sobre cada roteiro é sugerido um itinerário e fornecida ampla informação histórica e etnográfica.

Um trabalho relevante da Associação Cultural Acqua Flaviae, principal responsável pela divulgação do património e da história de Chaves e do Alto Támega.



# A MUDANÇA QUE INCOMODA



Tive o grato prazer de recentemente ter sido convidado para assistir a uma cerimónia simples (como simples são as gentes serranas) mas com um enorme significado: a Inauguração da beneficiação e alcatroamento da Estrada que liga Ádela e Açôr à Selada das Eiras.

Não posso deixar de manifestar a minha enorme satisfação na medida em que foi com o orgulho de quem deu um pequenissimo contributo para a concretização desta obra, que pude partilhar da enorme alegria que estava estampada nos rostos de uma população que nunca deixou de acreditar na possibilidade de ver um dos seus anseios realizados, isto é, o quebrar do isolamento a que estavam votados e renascer a esperança destas Aldeias serem "colocadas no mapa" já que para além de ficarem mais perto das populações vizinhas, irão por certo conhecer um maior número de visitantes ao ficarem plenamente integradas nos circuitos que atravessam a Região, nomeadamente a ligação entre os Vales do Ceira e do Alva ligando Góis a Oliveira do Hospital.

Esta obra, como outras que estão em execução em toda a Região, só foi possível graças ao espírito de parceria e de verdadeira colaboração que se verifica entre os vários responsáveis locais, que souberam unir esforços no sentido de aproveitarem os meios que têm à sua disposição para que de uma forma integrada sejam atingidos plenamente os objectivos de um desenvolvimento harmonioso e sustentado de toda a Região.

Numa Região em que todos somos poucos para contrariar as conhecidas insuficiências estruturais, a existência de divisionismos só vem aprofundar as dificuldades já instaladas.

Para quem nasceu na Região e aqui se veio fixar, como é o meu caso, é gratificante observar e poder participar nesta "revolução serena", como alguém lhe chamou, que se está a registar nesta Beira Serra, já que com os parcos meios disponíveis (convém lembrar que o II Quadro Comunitário de Apoio já terminou e os novos Programas ainda não estão em execução), alguém teve a CORAGEM de realizar e concretizar no terreno Projectos antigos que irão exercer um impacto muito positivo sobre as vidas nas Aldeias Serranas, não as delxando morrer mas pelo contrário permitirá voltar a dotá-las de vida própria. Será então possível pensar num verdadeiro desenvolvimento turístico que envolva todos estes Municípios, cada qual com potencialidades próprias que se complementam entre si. Como exemplo poderei referir as beneficiações realizadas na Vila de Arganil, no Alto Ceira, entre a Covanca e a Malhada Chã, entre os Penedos Altos e o Vale de Maceira e finalmente a ligação entre a Selada das Eiras e o cruzamento dos Parrozelos, há tantos anos desejada, completam a verdadeira "espinha dorsal" das ligações turísticas serranas na Região.

Os incentivos financeiros disponibilizados pela União Europeia, embora escassos, vieram contribuir para a concretização de iniciativas que vêm aumentar a auto estima das populações de zonas rurais, assim como proporcionar o acesso a novos produtos e equipamentos que são essenciais para o aumento da sua qualidade de vida e da sua motivação para aqui se fixarem e contribuir para a inversão do processo de desertificação que caracteriza estes Concelhos. A igualdade de oportunidades proporcionada pela concretização de projectos como as Viaturas de Transporte Infantil, a Rede Telemática nas Escolas do Ensino Básico e as Ludotecas fixas ou móveis por certo que motivam as crianças da nossa Região, ficando preparadas para os desafios que lhes serão colocados na sua vida futura em que o contacto com as novas tecnologias da informação será uma constante.

O reconhecimento, não necessariamente o agradecimento, do contributo de todos aqueles que acreditam verdadeiramente nas potencialidades endógenas na Região, serve de incentivo para que o seu trabalho seja cada vez mais empenhado em beneficio das populações locais, devendo, quando é caso disso, serem efectuadas as devidas criticas não meramente destrutivas mas sobretudo que possam e devam contribuir para a correcção de erros ou lacunas que existem sempre, ao longo destes dificeis processos de desenvolvimento.

Neste processo de desenvolvimento em que todos estamos inseridos, a Comunicação Social Local e Regional tem-se assumido como um verdadeiro parceiro activo cujo papel tem sido determinante e decisivo na difusão da informação existente e disponível pela população local que ai encontra o principal elo de ligação com o mundo exterior.

Através destes Parceiros (Comunicação Social Local) é igualmente possível divulgar todo o trabalho que é executado, de forma a que possa ser conhecido e utilizado em beneficio de toda a população desta ou de outras Regiões, da mesma forma que se torna fundamental que todas as Entidades com trabalho realizado na área do Desenvolvimento Local e Rural o divulguem sem receios, tornando-o público e transparente, já que através da troca de experiências será possível rentabilizar os meios disponíveis em prol dos objectivos que se pretendem alcançar, constituindo igualmente uma das formas mais enriquecedoras para quem está no terreno no dia a dia, o poder partilhar com outros toda a sua experiência.

Sou daqueles que acreditam que o desenvolvimento económico e social da nossa Região só será possível com o contributo de todos aqueles que, contrariando os "Velhos do Restelo" que nada fazem e só criticam destrutivamente, vão executando o seu trabalho em benefício de toda uma população, ela sim merecedora de todos os reconhecimentos pela forma "heróica" como tem resistido a todas as adversidades que caracterizam o seu modo de vida nesta Região da Beira Serra.

Arganil, 12 de Março de 2000

### SEMINÁRIO

### «CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO **DE PROGRAMAS DE** DESENVOLVIMENTO INTEGRADO»

Guarda, 11, 12 e 13 de Abril 2000

O programa de iniciativa comunitária LEADER (Ligação entre as Acções de Desenvolvimento na Economia Rural) foi um instrumento fundamental para promover o desenvolvimento integrado ao nível de territórios rurais. No entanto a aplicação do LEADER limitou-se a certos sectores bem específicos (essencialmente turismo rural, artesanato, produtos locais) sem abranger outros sectores importantes como os sectores da agricultura, dos serviços, da educação, etc., não permitindo assim um amplo desenvolvimento integrado que incluisse a totalidade dos sectores.

As Associações de Desenvolvimento Local (ADL) ultrapassaram em parte esta limitação, recorrendo a outros programas e iniciativas. No entanto, estamos ainda longe de um desenvolvimento realmente integrado. Não será possível dar um salto qualitativo neste aspecto, sem uma concertação entre todas as instituições que intervêm no desenvolvimento de um território (administrações sectoriais, autarquias, ADL, associações empresariais, etc.), com o objectivo de chegar a uma estratégia comum de desenvolvimento integrado de cada território.

Eis a conclusão a que chegou o Grupo de Proximidade da Serra de Estrela , levando-o a eleger esta problemática para o seminario previsto no quadro das actividades da Célula. O seminário realiza-se na Guarda, no Hotel Turismo, nos dias 11, 12 e 13 de Abril.

### O seminário tem três objecti-

### Primeiro objectivo: lançar um processo de concertação ao nível do

O primeiro objectivo do seminário é de permitir que um processo de concertação deste tipo comece a surgir ao nível das 5 associações do grupo de proximidade. O seminário pretende ser um ponto de partida neste sentido. Pretende sobretudo, que a partir de uma primeira experiência de consulta alargada ao nivel da região, se definam linhas de actuação para continuar o processo, nomeadamente a criação de uma estrutura de concertação permanente que possa dar continuidade ao processo iniciado, com uma metodologia claramente definida. Uma estrutura deste tipo poderia existir ao nível do conjunto dos territórios das cinco associações (alargado eventualmente a outras ADL) de maneira a abranger as administrações

e outras instituições de carácter regional (CCR, IEFP, etc.) ou poderá também ser organizada ao nível do território de cada

### Segundo objectivo: definir uma metodologia concreta para avançar um tal processo

Já existem estruturas de concertação a nível regional, tais como as Comissões Locais de Acompanhamento (CLA), Comissões de Acompanhamento (CA), etc.lsso não significa que existe uma estratégia comum e concertada de desenvolvimento integrado. É pois urgente perceber quais são os obstáculos que impedem uma verdadeira concertação para um desenvolvimento integrado. Será só uma questão de legitimidade e competências das estruturas já existentes para desenvolver uma concertação deste tipo, ou há também problemas mais profundos relacionados com o funcionamento específico de cada instituição, problemas culturais, de linguagem, de comunicação, etc.? Como passar de uma simples concepção de estratégia, para a sua operacionalização concreta, processo delicado, que necessita de uma prática e de uma reflexão metodológica mais aprofundada?

Para conseguir identificar e responder a estas questões metodológicas, o seminário apoiar-se-á na participação de um grupo LEADER Irlandés uma vez que existe neste país uma longa prática deste tipo de concertação territorial desde o início do LEADER I.

### Terceiro objectivo: analisar os instrumentos financeiros disponíveis para um processo de desenvolvimento integrado e fazer eventuais recomendações neste sentido

Um terceiro objectivo do seminário será analisar os diversos instrumentos financeiros actuais, nomeadamente no ambito do novo Quadro Comunitário de Apoio (QCA), os novos Programas de Iniciativa Comunitária (PIC), os financiamentos nacionais e a sua pertinência para facilitar e operacionalizar uma estratégia de desenvolvimento integrado. Poderão surgir também recomendações a fazer para orientar melhor a implementação destes instrumentos, quer seja a nível nacional quer a nível regional e local.

### programa

11 de Abril

09h00: Recepção dos participantes e entrega de documentação

09h30: Cerimónia Oficial de Abertura com a presença de:

Sua Excelência o Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas Dr. Luís Capoulas dos Santos;

Governador Civil da Guarda, Dr. Fernando

Governador Civil de Castelo Branco, Dr. José Sampaio Lopes;

Director Geral do Desenvolvimento Rural, Eng.º Rui Sousa Barreiro;

Presidentes das ADL's do Grupo de Proximi-

ADERES (Dr. José Armando Serra dos Reis)

ADRACES (Câmara Municipal de Castelo Branco)

ADRUSE (Câmara Municipal de Gouveia)

PRO-RAIA (Câmara Municipal da Guarda)

RUDE (Sr. Carlos Alberto Pinto)

Célula de Animação LEADER

10h00: Apresentação do Seminário

Apresentação do tema e objectivos: Dra. Clara Ramos (Rude)

Apresentação da organização: Eng.º Paulo Marques (Pro-Raia)

10h45: Pausa para café

11h00: "Desenvolvimento Integrado" -Apresentação da experiência Irlandesa a cargo de Anthony Leddy, representante do grupo Cavan and Monaghan.

Moderador: Samuel Thirion (Célula de Animação LEADER)

12h30-14h00: Almoço

14h00-18h00: Grupos de trabalho

Grupo 1: Elaboração e operacionalização de uma estratégia de desenvolvimento integrado para o território

Moderador: Samuel Thirion (Célula de Animação LEADER)

Animadores: PRÓ-RAIA E RUDE

Grupo 2: Contributo do LEADER para uma abordagem territorial de desenvolvimento

Moderador: Camilo Mortagua (Célula de Animação LEADER)

Animadores: ADRUSE E ADERES

16h00-16h15: Pausa para café

16h15: Continuação dos grupos de trabalho

18h00: Encerramento dos trabalhos

20h00: Jantar convivio

# 12 de Abril

09h30: Continuação dos grupos de trabalho

11h00 - 11h15 : Pausa para café

11h15: Continuação dos grupos de trabalho

13h00-14h00: Almoço

14h00: Restituição, apresentação de conclusões dos grupos de trabalho e debate.

Intervenção do Senhor Professor Doutor Henrique Albergaria,

Intervenção do Grupo Irlandês

Moderador: Bernardo Campos

16h45: Pausa para café

17h00: Debate, recomendações e operacionalização de estratégias para o futuro

Moderador: Bernardo Campos

18h00: Encerramento dos trabalhos

20h00: Jantar convivio



Instrumentos financeiros e conclusões.

Manhà: Instrumentos Financeiros de Apoio ao Desenvolvimento Integrado no ambito do QCA III

Moderador: ADRACES

09h30: Intervenção do Sr. Eng.º Mário Silva, Director Regional da Direcção Regional do Centro do Ministério da Economia.

10h00: Intervenção do Representante da Delegação Regional do Centro do IEFP.

10h30: Intervenção do Sr. Eng.º João Vasco Ribeiro, Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro.

11h00: Pausa para café

11h15: Intervenção do Sr. Eng.º Rui Moreira, Director Regional de Agricultura da Beira Interior.

12h30: Almoço

Tarde: Instrumentos Financeiros de Apoio ao Desenvolvimento Integrado no âmbito do QCA III (continuação)

Moderador: ADRACES

14h00: Intervenção do Representante do Cent. Reg. de Segurança Social do Centro.

14h30: Intervenção do Dr. Fernando Peixinho, Director Regional do Ambiente do Centro.

15h00: LEADER +

Eng.º Nuno Jordão, Pres. da CNG LEADER.

16h15: Debate

16h15: Pausa para café

16h30: Apresentação das conclusões e

17h30: Sessão de encerramento com a presença de: Sua Excelência o Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Eng.º Vitor Barros

# À ESPERA DO LEADER +

O ENCERRAMENTO DO LEADER II E A APRESENTAÇÃO DA INICIATIVA LEADER + estiveram no âmago do II Encontro Nacional da Rede Portuguesa LEADER II, promovido pela Célula de Animação, nos dias 17 e 18 de Marco, em Évora.

Retirar os ensinamentos do LEADER II foi o mote da intervenção do Presidente da Comissão Nacional de Gestão (CNG) do Programa LEADER II, Eng.º Nuno Jordão, convidado para dar início aos trabalhos. Na opinião do responsável máximo do Programa em Portugal, "é altura de olhar para trás e ver o que esteve bem e o menos bem e retirar ensinamentos para o LEA-DER +". Num momento em que a majoria das Associações de Desenvolvimento Local (ADL) se preparam para finalizar o Programa, há (ainda) algumas questões que causam inquietação aos responsáveis dos Grupos de Acção Local (GAL). É o caso da questão fiscal - um problema importante a ter em conta no futuro, segundo o presidente da CNG, e o overbooking. Sobre a primeira muito se disse, e sobre a segunda, Nuno Jordão, sublinhou a necessidade (leia-se obrigação) de as ADL utilizarem os fundos até ao último tostão. Só assim será possível, na sua opinião, garantir uma passagem mais suave para a nova fase que se avizinha. Sobre esta questão - o encerramento do programa, aquele responsável acrescentou ainda algumas informações e deixou conselhos. Foi também da sua boca que os cerca de 100 participantes deste Encontro ficaram a saber que, no LEADER +, a cooperação transnacional será aberta a todos os países do mundo. Uma vitória resultado dos esforços dos governos português e espanhol junto do Comité STAR.

Há cerca de um ano no terreno, a Célula de Animação aproveitou a oportunidade para fazer também um balanço das actividades que tem vindo a desenvolver junto dos GAL durante este tempo. O responsável pela animação directa, Camilo Mortágua, encontrou, no entanto, uma plateia mais interessada em ouvir falar do futuro do que do passado quando deu a palavra aos grupos. O silêncio tomou conta da sala, e so à custa de algumas "alfinetadas" obteve algum retorno.

Da volta pelos 12 grupos de proximidade, uma volta muito mais rápida e sintética do que supunha "esperava que as pessoas fossem muito mais críticas". Camilo Mortágua deixou ainda um apelo à reflexão "para darmos o salto" e a convicção de que ainda há muito por fazer.

Fora do quadro da animação directa, tempo ainda para fazer referência às outras actividades da Célula: Fundo de documentação, Base de dados, Site, jornal da Rede e programas de rádio. Algumas já em curso, outras em fase de arranque. É o caso das oficinas "Sitios e Pessoas" cujo lançamento teve lugar no Encontro pela mão do responsável (Adriano Rangel).

A apresentação do LEADER + pelo Director-Geral do Desenvolvimento Rural, Eng.º Rui Barreiro, foi um dos momentos mais altos do Encontro e um dos mais aguardados. Numa altura em que ainda "há decisões a tomar sobre determinadas matérias", o Director-Geral do Desenvolvimento Rural, socorrendo-se de um documento e das novas tecnologias, apontou quais são as principais mudanças introduzidas no LEADER + em relação ao LEADER II, no que diz respeito aos objectivos, as zonas, beneficiários, medidas, cooperação, redes, programação e critérios de selecção. Os técnicos do LEADER não deixaram passar a oportunidade em branco para exprimirem as suas preocupações e lançar algumas questões. Um momento de viva participação que acabou já depois da hora prevista para o encerramento dos trabalhos nesse dia, e que precisou alguns pontos.

A fechar o programa, e antes da sessão de encerramento, presidida pelo Director-Regional da Agricultura do Alentejo em representação do Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, o momento mais alto do II Encontro da Célula de Animação: a intervenção do secretário-geral da Agricultura da Andaluzia, José Emilio Gerrero Ginel.

Uma intervenção que colheu de todos os participantes um "muito bom" e a percepção de quão próximos e quão afastados estamos da Andaluzia quando se fala no futuro do Desenvolvimento Local. Uma intervenção que impressionou a assistência deixando uns sem palavras e outros emocionados. Na opinião do presidente da CNG, uma verdadeira lição de como devemos pensar o futuro. (ver caixa com resumo da conferência)

O Director-Regional da Agricultura do Alentejo deixou duas notas que considera importantes em relação às regiões beneficiárias do LEADER: "que os esforços a aplicar no terreno terão de ser esforços integrados e coerentes" e "da importância do vosso trabalho".

Quando se realizar o III Encontro Nacional, lá para o final do ano, as questões sobre o futuro serão certamente outras e o processo de animação estará com certeza muito mais avançado. Mas até lá a equipa da Célula de Animação continuará a desempenhar a sua tarefa: ajudar a compreender as questões do Desenvolvimento Local.







Paula Santos

# CONFERÊNCIA DO SECRETÁRIO-GERAL DA AGRICULTURA DE ANDALUZIA

José Emilio Guerrero Ginel









«Em primeiro lugar quero agradecer a oportunidade de poder partilhar do vosso trabalho neste momento tão importante. Para nós é uma magnifica oportunidade para trocar experiências. A importância que damos ao desenvolvimento rural na nossa região obriga-nos a este intercâmbio. Na minha intervenção proponho dedicar uma primeira parte a aspectos mais filosóficos, a base teórica na qual estamos construindo o desenvolvimento rural na Andaluzia, e uma segunda parte mais concreta, de dificuldades que estamos a ter neste momento e que tivemos no passado. Contudo peço que entendam as minhas palavras como uma análise de caso. Na medida em que não é possível transportar ideias: apenas ouvi-las e interpretá-las para melhorar. Trata-se de uma condição política, social económica e territorial concreta da Andaluzia, dificilmente aplicável noutra região da Europa e do Mundo.

Penso que a maior parte de vos conhece a Andaluzia. Situa-se no Sul de Espanha. Aproximadamente 90.000 km2, 7.200 milhões de habitantes. 14% de população activa agrícola (nitidamente diferente da média europeia), e 43% de exportações agro-alimentares. Mas o mais importante, e que eu gostaria de sublinhar, é que a agricultura e o meio rural constituem uma mais-valia magnifica na coesão social e territorial da Andaluzia. A Andaluzia e constituída por oito grandes provincias que optaram por uma estratégia de desenvolvimento rural integrada. Com a iniciativa LEADER I e LEADER II, e o programa operativo PRODER, 90% do território encontra-se coberto pelos grupos de Desenvolvimento Rural. É neste sentido que temos vindo a trabalhar, e sobre o qual gostaria de apresentar alguns dados.

Para tal conto com um documento que eu qualifico de idóneo. Uma reflexão sobre a necessidade de fazer as coisas de outra forma, e que permitiu desenvolver o Plano de Desenvolvimento Rural da Andaluzia. Tivemos sorte pois simultaneamente tivemos o LEADER I e pudemos viver na prática toda a teoria que tínhamos desenvolvido, iniciando um caminho exploratorio que pudemos completar posteriormente com o LEADER II e terminar com o Programa Operativo PRODER. Vou tentar, sinteticamente, dizer-vos quais os ensinamentos que tirámos das nossas iniciativas de desenvolvimento rural.

Em primeiro lugar, eu destacaria, a dimensão humana, como um valor fundamental do progresso. Aprendemo-lo com o LEADER I e o PRODER. Em segundo lugar, a possibilidade de tomar decisões in situ, e acertar e errar com facilidade. Aprendemos que os modelos bottom--up e participativos funcionam e são muito úteis, não são apenas uma elaboração teórica. Também aprendemos que a identidade dos territórios é um excelente expoente do progresso colectivo e que é importante alcançar sinergias entre as políticas de actores e de territórios. A experiência do LEADER II demonstrou que é preciso semear (e colher) diversificação. Não nasce espontaneamente. Os grupos de Desenvolvimento Rural também aprenderam que os caminhos para o desenvolvimento rural são múltiplos. Não existe uma verdade absoluta. Há que conviver com distintas estratégias de desenvolvimento rural. Não há exclusividade. Também aprendemos o valor do pequeno e do grande. O conjunto da sociedade terá de compreender que o meio rural é uma mais-valia, ou muito dificilmente poderemos manter as políticas de desenvolvimento rural. Num território onde é difícil chegar a consenso, os grupos de Desenvolvimento Rural, foram um ponto de encontro, onde se conviveu com diferentes ideologias e forças políticas. E a verdade é que demos um grande passo ao entender que para fazer alguma coisa temos de esquecer determinadas guerras.

Posso assegurar-vos que hoje, temos em todo o território rural uma equipa humana formada e motivada, como nunca haviamos tido. Este é um resultado concreto. Também encontramos um processo de articulação social muito importante. Em termos quantitativos, os grupos LEADER e PRODER permitiram a criação de 20 mil empregos directos, 40 mil indirectos e quase nove mil projectos. O resultado da iniciativa foi enorme; um magnifico factor de detonação dos grupos de Desenvolvimento Rural.

Também identificamos e consolidamos a unidade territorial, o que nos permite ser mais generosos com outros territórios. Começamos a valorizar as importações do mundo rural; sem as quais seria impossível ter um território vivo como o que temos.

Na Andaluzia, há alguns anos atrás, era dificil encontrar uma participação activa que construísse o seu próprio desenvolvimento. Hoje, há uma estrela de optimismo, de motivação e todos pensam que com esforço pode-se fazer coisas; construir o futuro.

Também tivemos problemas. Mínimos, em relação aos ensinamentos e aos resultados. O principal inconveniente é que existe uma insuficiente cultura do Desenvolvimento Rural. Do nosso ponto de vista, esta iniciativa não foi o melhor remédio para propiciar uma maior permeabilidade. Mas é bom ter em conta que se iniciou um processo radicalmente distinto e pioneiro: dinheiro público para os privados. Há uma certa dificuldade de incorporar esta

inversão de lógicas administrativas. Obrigámos os grupos de Desenvolvimento Rural a um excesso de auto-didactismo. O apoio científico e técnico foi insuficiente. "Espírito de cruzada": quando um trabalha pelo colectivo pensa que mais ninguém tem direito a dizer como fazer as coisas. Isto é mau. Neste momento, temos uma rede de técnicos formados que dão muito mais do que recebem. É assim. A remuneração não é suficiente para o esforco que fazem.

Para 2000-2006 queremos iniciativas de Desenvolvimento Rural sustentáveis. Não queremos que dependam de uma iniciativa comunitária; de um programa operativo; de uma vontade política que pode ser alterada. Queremos ter suficientes mecanismos de resposta. Para nós, independentemente do modelo, é absolutamente impossível prescindir dos grupos de Desenvolvimento Rural. Vamos lutar para que todos os grupos de Desenvolvimento Rural permaneçam introduzindo alguns elementos de estabilidade no staff técnico para que sejam funcionais; intensificar o apoio científico e técnico para que sejam cada vez mais úteis, e a formação. Neste momento, entendemos que os mais de democracia são muito importantes. Refiro-me à igualdade de oportunidades no acesso às tecnologias e informação. Logo, estamos a desenvolver, um site na internet e uma série de acções pontuais para que o apoio científico e tecnológico seja uma realidade.

Outro elemento que nos preocupa é a melhoria da articulação social. Se os grupos não complementam as suas políticas com intervenções sociais de maior alcance é impossível considerá-los como um interlocutor privilegiado. Os grupos de Desenvolvimento Rural vão ser um elemento decisivo nas tomadas de decisão num futuro imediato. Por isso, consideramos a melhoria da representação da legitimidade social dos grupos, um objectivo prioritário. Para que os grupos estejam legitimados socialmente necessitam de um instrumento de consenso e diálogo; uma planificação estratégica a nível territorial. Neste sentido, assinámos um compromisso para o mundo rural para que o governo regional possa transmitir através dos grupos de Desenvolvimento Rural não só as políticas da competência do ministério da Agricultura, como também das outras áreas: educação, saúde, trabalho.

A sagração do endógeno também foi um dos aspectos que verificamos. Nunca tinhamos descoberto o endógeno e agora tudo tem de ser endógeno. E não é assim. O endógeno é um bem de troca, de coerência interna mas devemos colocá-lo num contexto. O endógeno tem de motivar uma maior participação. Senão não serve de nada.

Também estamos a tentar melhorar a rede de relações entre os grupos e algumas sub-redes que têm um conteúdo mais específico, e a cooperação; entre os grupos, e dos grupos com as diferentes entidades. A participação das entidades financeiras é fundamental. Nesta fase, queremos que elas participem muito activamente. Não só em termos de engenharia financeira como de animação. Queremos que sejam (também) um motor dos grupos.

Outro elemento definitivo é a melhoria de distintas políticas. A articulação, particularmente util para que diferentes políticas possam convergir, passou pela assinatura de um compromisso para o mundo rural. Um compromisso de participação sustentado pelos grupos. É dificil que um ministro decida fazer algo que não tenha sido reflectido e incorporado no plano estrategico. Apostar na excelência. Construir a diversidade é um objectivo muito importante para nos.

Os grupos da Andaluzia deram conta que vai ser absolutamente impossível que o LEADER + esteja a funcionar no ano 2000. A única solução para não quebrar a estrela de optimismo dos grupos de Desenvolvimento Rural, é trabalhar num regime transitório. O primeiro passo foi convencer as autoridades económicas do Governo que podiamos elaborar um programa de Desenvolvimento Rural posteriormente elegível. Não podemos fazê-lo com fundos exclusivamente próprios, porque não temos autonomia financeira suficiente, mas podemos adiantá-lo. Só precisamos que haja um compromisso de que vá haver um retorno comunitário. Independentemente de todos os problemas jurídicos que não estão resolvidos, os grupos vão dispor de uma ajuda entre 50 e 100 milhões de pesetas para o ano de 2000, para poderem assumir novos compromissos. Neste momento, o que mais nos preocupa é a interacção público/privado. Gostariamos que os grupos resolvessem os seus problemas trabalhando em rede. Nesta fase de trânsito, para que assumam novas responsabilidades, nomeámos, de forma legal, os grupos como entidades colaboradoras com a política de Desenvolvimento Rural. Isto quer dizer que os grupos vão motivar, seleccionar e quantificar todos os projectos industriais no seu território com o aval da administração. Iniciámos assim um processo de definição do programa regional que pensamos ser de grande utilidade tanto para o LEADER + como para o quadro comunitário de apoio. E fico por aqui.»

### I SIMPÓSIO DE ARTES E OFÍCIOS DOS AÇORES

# Abre caminho para a primeira Associação de Artesãos



Foto: paula santo

NUM LUGAR ONDE O AZUL E O VERDE se confundem e onde as tradições são razão de vida e fonte de rendimento, regressar às origens na descoberta dos saberes fazeres é tentar (re)encontrar um equilíbrio entre crescimento económico e preservação do ambiente. Um desafio estóico mesmo onde – mercê do estatuto de região ultraperiférica – os apoios comunitários e os sistemas de incentivos nacionais e regionais se cruzam.

Nesse lugar, as pessoas, a sociedade civil, estão cada vez mais informadas e conscientes do percurso que obrigatoriamente prosseguem. A realização do I Simpósio de Artes e Oficios dos Açores, na ilha de S. Miguel, revela uma nova consciência regional de valorização das artes e oficios do arquipélago, e o desejo colectivo de recuperar, catalogar e difundir esses valores.

Reunidos durante três dias no auditório da vila da Povoação, especialistas de vários organismos e entidades públicas e privadas de Portugal, Espanha, França, das Ilhas Canárias e da Região Autónoma da Madeira, deram mais um passo para o delinear de uma estratégia que resulte do debate de todos os que são actores do desenvolvimento local.

A iniciativa, coordenada pelo Centro Regional de Apoio ao Artesanato dos Açores com o apoio de diversas instituições governamentais e
pelas Associações de Desenvolvimento Local ADELIAÇOR, ARDE e
ASDEPR, juntou, pela primeira vez, artesãos, provenientes das nove
ilhas do arquipélago, e especialistas. Uma (primeira) oportunidade
para ouvir falar de "micro-empresas de artesanato, ultraperiferia e
desenvolvimento local". Este foi o tema que serviu de base às intervenções dos cerca de 20 conferencistas convidados para participar no
Simpósio que decorreu entre os dias 22 e 24 de Março. Intervenções,
da primeira à última, pautadas pelo rigor e qualidade.

O discurso, ainda que nem sempre acessível à maioria dos participantes, foi do agrado de todos ao ponto de produzir efeitos quase imediatos

No segundo dia, nos corredores, já se falava de um II Simpósio. E no terceiro, e último, a "notícia" de uma comissão instaladora para a criação de uma associação de artesãos do Arquipélago é confirmada. A ideia começou a germinar num dos três workshops organizados no dia anterior, ganhou força com o desenrolar dos trabalhos, e ter-se-á consolidado num dos vários momentos de descontracção que os organizadores da iniciativa reservaram aos participantes.

### Espaço LEADER

As Associações LEADER envolvidas contribuíram financeira e activamente na realização do Simpósio e, como complemento do que se iria passar dentro do auditório, propuseram uma componente mais prática. Segundo a coordenadora do Grupo de Acção Local (GAL) da ASDEPR, Teresa Alvernaz "a ideia foi aproveitar a vinda de pessoas à região para divulgar o artesanato e o que foi o LEADER nas três associações envolvidas". Para tal, cada uma das associações levou da sua área de intervenção dois projectos apoiados no âmbito do LEADER, e respectivos promotores. (ver caixas da página seguinte)

Mais do que criar um debate, levar artesãos ao Simpósio foi a forma que as responsáveis pelos GAL das associações encontraram de promover o encontro de artesãos de ilhas diferentes, cada um sabedor da sua arte e do seu oficio, a troca de ideias e , no fundo, criar também uma oportunidade aos artesãos de divulgarem e comercializarem os seus produtos.

Estavam reunidas as condições só faltava mesmo meter as mãos à obra. Com a colaboração da Câmara de Comércio e Indústria dos Açores, as associações LEADER montaram uma tenda no jardim do largo do auditório municipal e encheram-na de produtos vindos das nove ilhas do arquipélago.

Catarina Soares, coordenadora do GAL da ADELIAÇOR, acrescenta que nesta parceria entre o Centro de Ápoio ao Artesanato e as associações LEADER, estão previstas mais algumas actividades: o lançamento de uma colecção de desdobráveis das artes e os oficios tradicionais dos Açores (cujo acto formal aconteceu no primeiro dia do Simpósio); um concurso do bordado antigo dos Açores permitindo fazer uma recolha alargada do risco e das técnicas; uma exposição com as peças reunidas, primeiro nas ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial (as três ilhas que têm o bordado certificado) e, mais tarde, no final do ano, no Museu do Traje, em Lisboa; e, finalmente, o lançamento de um catálogo.

Na opinião da coordenadora do GAL da ARDE, Emília Paços, "a primeira associação de artesãos dos Açores tem possibilidades de sair deste Simpósio. Para já, a comissão instaladora apenas reúne artesãos de S. Miguel, mas acho que com tempo vão conseguir ter representantes de todas as ilhas".

### Apostar nos ofícios tradicionais

Enquanto a comissão instaladora gera a tão desejada associação de artesãos, ficou, deste Simpósio, a convicção e a necessidade de canalizar e utilizar todos os meios disponíveis para o incremento das actividades artesanais, seja no âmbito da iniciativa comunitária LEADER, seja no quadro dos fundos estruturais para as regiões ultraperiféricas, seja, ainda, através dos sistemas regionais.

Na sessão de encerramento, o Presidente do Governo Regional, Carlos Cēsar, enalteceu a iniciativa e reafirmou a aposta do Governo nas actividades artesanais da Região.

A coordenadora do Centro Regional de Apoio ao Artesanato, Ana Paula Marques, em jeito de balanço, sublinhou a importância do papel das associações de desenvolvimento local na recuperação das artes e oficios tradicionais, e acentuou igualmente a aposta fundamental nos Açores na promoção de nichos micro-empresariais, onde o turismo constitui um espaço privilegiado. É aqui, na sua opinião, que a acção das associações gestoras do programa LEADER surge com mais força.

Paula Santos

### Elizabete Rebelo

- cantaría, da freguesia de Rabo de Peixe, S. Miguel, 22 anos. Acabou o curso de Artes e Oficios de trabalhar a pedra no Centro Regional de Apoio ao Artesanato em Maio do ano passado. Com o apoio do LEADER II, através da ASDEPR, a artesá iniciou a actividade por conta própria. Faz trabalhos por encomenda e pequenas peças que vai colocando nas lojas de artesanato de S. Miguel. Do Simpósio espera uma maior divulgação dos artesãos para "mostrar o que nos valemos".



### Maria Conceição

- Cooperativa de Artesanato Vila de Santa Maria, S. Maria. Com o apoio do LEADER II, ARDE, já são 12 as trabalhadoras desta cooperativa que comercializa sobretudo téxteis – tecelagem mas também agro-alimentares locais. Para além de algumas vendas, Maria Conceição levou do Simpósio, "novos contactos para eventuais encomendas".



### Manuel Gonçalves

- osso e dente de baleia, Pico. Iniciou a sua actividade em 1984 como forma de ocupação dos tempos livres. Hoje, reformado, é a sua actividade principal. Encontrou na ADELIAÇOR, no programa LEADER II, o apoio que necessitava para montar a oficina e adquirir alguns equipamentos. Artesão de reconhecido valor, com trabalhos por diversas premiados, Manuel Gonçalves acha que "como é o primeiro (simpósio) é altura de ouvir".



### COLÓQUIO SOBRE DESENVOLVIMENTO RURAL NA OVIBEJA

A OVIBEJA CONSTITUI-SE COMO UM DOS PRINCIPAIS CERTAMES NACIONAIS ligados ao mundo rural. A 17ª edição teve lugar em Beja, entre 18 e 26 de Março e revelou, mais uma vez, todo o dinamismo da região do Alentejo.

O Movimento do Desenvolvimento Rural esteve presente em espaço próprio, com a participação da Direcção Geral do Desenvolvimento Rural e das Associações de Desenvolvimento Rural do Alentejo.

No dia 21, dia consagrado ao Desenvolvimento Rural, realizou-se um colóquio subordinado ao tema "Desenvolvimento Rural e o novo Quadro Comunitário de Apoio (QCAIII)", presidido pelo Director Geral, Eng. Rui Barreiro.

Numa organização da ESDIME, MONTE, ROTA DO GUA-DIANA, TERRAS DENTRO e VICENTINA, o Colóquio proporcionou uma abordagem sistemática das possibilidades que o novo Quadro Comunitário de Apoio apresenta para as intervenções de desenvolvimento rural, exposição que foi apresentada pelo Dr. Oliveira das Neves.

A grande novidade do debate que se efectuou foi a intervenção de representantes das diversas forças políticas presentes na Assembleia da República. A convite dos organizadores, os Deputados Gavino Paixão (PS), Nazaré Ferreira (PSD), Rodeia Machado (PCP) e Rosado Fernandes (PP) bem como um representante do Bloco de Esquerda, intervieram na sessão apresentando as suas perspectivas sobre as políticas de desenvolvimento rural e a intervenção das Associações de Desenvolvimento. O envolvimento empenhado dos políticos no debate sobre o desenvolvimento rural é um passo novo no reconhecimento de uma intervenção até agora um pouco marginal e o apreço por eles expresso um indicador de um novo posicionamento.

"Ninguém melhor do que as Associações de Desenvolvimento Local para ajudar o Poder Central a implementar as suas medidas" foi uma das muitas afirmações referidas no Colóquio e não é mais do que o reconhecimento do inestimável serviço que elas têm prestado às populações em meio rural.











## I FEIRA DE MUNICÍPIOS DE MONTANHA



oto: RUDE

Decorreu na cidade da Covilhã, entre 23 e 28 Março e nas instalações da Associação Nacional dos Industriais de Lanificios, a I Feira de Municípios de Montanha, uma organização da Associação Nacional de Municípios Portugueses, com a colaboração da Câmara Municípal da Covilhã.

Como participantes estiveram presentes 71 municípios, alguns deles integrados nas 5 Associações de Municípios, 10 Associações de Desenvolvimento (Raia Histórica, ATAHCA, Terras de Sicó, ADIBER, Dueceira, Dão, Pinhal Maior, RUDE, ADRUSE e ADESCO), a Comissão Europeia e o Conselho da Europa, 3 Regiões de Turismo, uma Associação de Informática, uma entidade bancária, departamentos estatais e representantes internacionais (Espanha).

Este certame teve como objectivos dar a conhecer a realidade das Regiões de Montanha; evidenciar o papel das diferentes actividades no desenvolvimento destas regiões; equacionar o papel dos vários intervenientes; promover a região de Montanha, nomeadamente o turismo e o lazer; incentivar a cooperação entre Regiões de Montanha; e divulgar a Carta Europeia das Regiões de Montanha.

A organização desta primeira Feira justificou-se pela crescente importância das Regiões de Montanha, seja pela superficie territorial que ocupam, seja pelo excepcional património que possuem. Os factores específicos destas regiões exigem a adopção de uma Política Global de Montanha.

Os participantes vincaram a sua presença e a sua intervenção em diversos domínios, como as acessibilidades, actividades económicas, artesanato, emprego, condições de vida, educação e ensino, fauna e flora, formação profissional, gastronomia, infra estruturas, património natural e construído, serviços públicos, turismo e lazer, e usos,, costumes e tradições.

Paralelamente à Feira decorreram outras actividades, como actividades ao ar livre e desporto radical de montanha, animação recreativa e cultural, exposição de fotografia, mostra gastronómica, Seminário Internacional sobre Políticas de Montanha, e venda de produtos e artigos de montanha. Saliente-se ainda a visita de cerca de 6000 crianças nos dois últimos dias da Feira, com a sua habitual boa disposição, e também uma etapa da 4ª Travessia de Portugal em Balão de Ar Quente, que permitiu a realização de baptismos de voo naquelas máquinas.

No decurso da Feira, realizou-se um Seminário sobre Políticas de Montanha com intervenções sobre a Convenção Internacional para as Regiões de Montanha, a Especificidade da Região de Montanha, um Modelo de Desenvolvimento para as Regiões de Montanha, e Projectos de Desenvolvimento de Regiões de Montanha com apresentação de experiências.

Louis Althapé, Presidente da Associação Europeia de Eleitos de Montanha, na respectiva sessão de abertura, apelou ao "espírito de montanha" relembrando o velho adágio "ajuda-te, que o Céu te ajudará", que corresponde aos principios de solidariedade e de entreajuda que fazem a força das comunidades de montanha. Por outro lado, chamou à atenção para as quatro oportunidades que se colocam a nível europeu e mundial para a afirmação dos espaços de montanha - a reforma da PAC e as novas políticas estruturais, a realização de um Forum Mundial da Montanha, a realizar em Paris e Chambéry e onde se prevê a participação de cerca de 130 países, a Conferência dos Ministros Europeus do Planeamento e Ordenamento do Território em Hanôver, em Setembro e a consagração do ano 2002 como Ano Internacional de Montanha. Uma conjuntura favorável, que obriga a uma atitude eficaz e interventiva.

As Associações LEADER tiveram uma presença bastante participativa nesta 1.º Feira de 3 Municipios de Montanha, divulgando e promovendo as suas Zonas de Intervenção, bem como os Centros Rurais. No último dia de Feira, algumas associações fizeram-nos um breve balanço desta organização e que em seguida transcrevemos:

ATAHCA: "Esperávamos mais desta I Feira de Municípios de Montanha, principalmente ao nível da participação do público, mas é provável que não tenha havido muita divulgação. No entanto, foi importante a nossa presença, porque conseguimos divulgar a nossa região e até vender alguns produtos".

PINHAL MAIOR: "Para primeira edição foi interessante, embora com as limitações do que é feito pela primeira vez, mas permitiu a aproximação entre as zonas de montanha. Correspondeu às expectativas como mostra de todas as zonas do País, mas esperava-se mais dinámica, se calhar até mais ao nível do público".

LEADER OESTE: "Foi uma experiência muito positiva por dois motivos: divulgámos os produtos e o património da nossa região; e divulgámos o Montejunto, que ainda não é muito conhecido, mas conseguimos dar a conhecer a todas as pessoas. Para uma segunda edição, pensamos que será importante estarem todas as zonas de montanha e também, convidarem empresas que comercializem o "produto" Serra".

RUDE: "A nossa presença neste certame foi positiva, visto que conseguimos divulgar a região em que nos inserimos, nomeadamente, a vertente artesanal. Foi também possível, a divulgação e promoção dos projectos desenvolvidos no âmbito do Centro Rural da Cova da Beira."

Como conclusão fica a frase-chave desta Feira,

MONTANHA: UM BOM LOCAL PARA VIVER!

RUDE

### AGRUPAMENTO MONTE RECEBE DELEGAÇÃO MARROQUINA

Os Ministérios da Agricultura Português e Marroquino juntamente com Associações de Desenvolvimento Local, têm vindo a desenvolver relações de cooperação, com o objectivo primordial de debater objectivos e acções a desenvolver num futuro projecto de cooperação. Esta cooperação transnacional será possível dado que irá ser alargada a áreas fora da União Europeia que se tenham organizado de acordo com a abordagem do LEADER.

Na sequência destas relações de cooperação, no passado dia 23 de Março, realizou-se no Monte um encontro com representantes da delegação do Ministério da Agricultura Marroquino, de Cooperativas Agrícolas e Associações de Desenvolvimento Marroquino, com o objectivo de apresentar a nossa zona de intervenção, suas potencialidades e constrangimentos, analisar terias como a diversificação agrícola e debater possíveis acções a desenvolver no sector da agricultura e desenvolvimento rural.

Os representantes da Delegação Marroquina, tiveram oportunidade de visitar uma empresa produtora de Tapetes de Arraiolos, bem como uma Escola Oficina sobre Doçarias e Bebidas Espirituosas Tradicionais, a decorrer no Montoito, cuja execução é da responsabilidade da Aliende – associada do Agrupamento Monte.

Esta visita está inserida no âmbito da Iniciativa Comunitária LEADER II, nomeadamente, no projecto "Parcerias e Oportunidades a Sul", promovida pela Associação Terras Dentro.

Marta Alter Palhinha - Coordenadora do GAL / ACE Monte

### PASSEIOS DA PRIMAVERA

A MARCA – Associação para o Desenvolvimento Local de Montemor-o-Novo, encontra-se a organizar a 2ª edição dos PASSEIOS DA PRIMAVERA, que decorrerá entre Abril e Junho de 2000, num conjunto de 5 passeios pedestres. O objectivo primordial destes passeios é percorrer e conhecer antigos caminhos de terra, cada vez menos trilhados, de forma a descobrir paisagens e elementos do património cultural da região:

No Trilho Do Comboio Desaparecido – 1 de Abril – Pela antiga Ilnha de caminho de ferro entre Casa Branca e as Minas da Nogueira, podem observar-se restos do carril, antigos pontões, caís para onde convergiam os transportes das minas de ferro próximas e galerias onde era extraído o minério. O passeio termina na Anta-Capela de Nossa Srª do Livramento, monumento pré-histórico transformado em Capela;

Plantas Medicinais e Aromáticas – 15 de Abril - Na Serra de Monfurado e ao longo da Ribeira do Carvalhal parte-se à descoberta de plantas utilizadas localmente para fins medicinais e culinários. Durante o percurso pode usufruir-se da belissima paisagem de montado de sobro que envolve as antigas ruínas do Convento dos Monges (construido no séc.XVIII por eremitas que habitavam as covas "infernais" da serra, percorrer pomares, hortas e beber nas fontes de água que surgem no curso da ribeira;

Paisagens e Artes do Pastoreio em Lavre – 6 de Maio - Histórias de pastores que trabalhando a cortiça e a madeira, nos períodos de descanso e solidão do pastoreio, se fazem artistas populares. Em Lavre poderá ouvi-los e vê-los, a trabalhar nas suas colheres e garfos decorados, tarros, coxos, almofarizes, mochos... No território que envolve a vila seguirá na sua companhia os trilhos que ainda hoje percorrem com os seus rebanhos;

Paisagens Megalíticas – 20 de Maio - O conjunto de menires, cromeleque e antas recentemente identificado na Herdade do Tojal e Quinta do Gato – num território densamente marcado pela presença megalítica que abarca Montemoro-Novo e Évora – assinala um desses lugares especiais onde quase sempre a riqueza arqueológica parece inseparável da beleza paisagistica. Lugares de memória, territórios marcados por grandes monumentos construidos em pedra durante a pré-história:

Profissões Tradicionais – 3 de Junho - Próximo de Santa Sofia, no Monte da Alcava de Cima, conhecer-se-ão algumas profissões rurais e antigos saberes ligados à terra. O ferreiro e o abegão, visitando uma forja e abegoaria. O porqueiro, observando as varas de porcos negros, alimentando-se de bolotas. O tirador de cortiça, percorrendo o montado que envolve o Monte... Alfaias agricolas e antigas máquinas dispersas pela herdade relembram os tempos em que a vida no campo se organizava em torno do ciclo do cereal.

Marta Alter Palhinha - Coordenadora do GAL / ACE Monte

### PROJECTO MATIZ

O Agrupamento Monte, encontra-se a desenvolver um projecto local de intervenção, cuja designação é Matiz. O projecto tem como objectivos agir ao nível da criação e desenvolvimento de iniciativas geradoras de emprego; da dinamização do mercado social de emprego; da formação profissional e do reforço à inserção sócio-profissional de grupos socialmente desfavorecidos, nomeadamente, dos beneficiários do Rendimento Mínimo Garantido e Desemprego de Longa Duração. Pretende-se ainda criar no projecto um sistema de articulação entre as diferentes acções e intervenções projectadas. O Matiz é o resultado da candidatura apresentada pelo Monte ao Programa Iniciativa Piloto de Promoção Local de Emprego no Alentejo, gerido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional. Para a realização dos seus objectivos o Monte conta com o apoio das Câmaras Municipais da Zona de Intervenção do projecto (Arraiolos, Montemor-o-Novo, Vendas Novas); da associação MARCA; bem como de outras associações e entidades sediadas na região.

Marta Alter Palhinha - Coordenadora do GAL / ACE Monte

### INICIATIVAS ARTESANAIS VESTUÁRIO RURAL-CONTEMPORNEO

Decorreu no passado dia 25 de Março pelas 21.30h no Europarque, em Santa Maria da Feira ,o desfile designado por Iniciativas Artesanais , Vestuário rural contemporâneo. A razão deste título prende-se com o facto da ADRIMAG, entidade organizadora do evento, ter querido dar ao desfile o nome do projecto (iniciativas artesanais), projecto este que já tivemos oportunidade de noticiar anteriormente.

Quem apreciou o acontecimento de certeza ficou deslumbrado com as roupas que foram vestidas por 12 manequins de duas agências de moda - a FACE e a NEW MODELS. Entre as manequins puderam observar-se os desempenhos de uma ou outra mais famosa como uma Miss Portugal, mas todas as beldades ficaram de certa forma reduzidas pela beleza das roupas, que sem deixarem de ser artesanais, não deixam de acompanhar as tendências da moda. Aquilo que se quis mostrar foi o facto de ser possível aliar o artesanato com a moda e mostrar que as peças artesanais são perfeitamente coadunáveis com peças industriais, sem perderem a sua beleza.

O desfile em questão marcou o fim do projecto dirigido pela ADRIMAG, projecto este que consistiu em dar formação aos vários grupos de artesanato téxtil, onde se destacam a ART linho – Arouca, Associação de artesãs de Rocas do Vouga e Sever do Vouga, as artesãs de Arões e ainda as Lançadeiras do Picão e Combate ao Frio, estes últimos de Castro Daire. Trata-se de grupos de artesanato já existentes e que trabalham o linho, a lá e o burel, matérias – primas tradicionais.

O desfile englobou ainda um concurso de moda restrito a 4 escolas de moda (CEARTE – Coimbra, CITEX – Porto, Escola de Moda do Porto e ainda a MAGES-TIL de Lisboa ). Estas escolas tiveram como tarefa desenhar dois fatos, um para o Verão feito com linho e outro de Inverno feito com burel. O júri composto por dois estilistas ( Nuno Gama, Maria Gambina ), uma produtora de moda e ainda o director do PPART e do CRAT, estabeleceram parâmetros e elegeram para o primeiro lugar as peças do CEARTE, o qual ganhou uma viagem a Paris para duas pessoas, prêmio que foi entregue pelo Secretário de Estado de Desenvolvimento Rural – Eng. Vitor Barros. O segundo prémio (uma viagem a Londres ) coube ás peças da MAGESTIL e foi entregue pela Comissária para a igualdade e para os direitos das mulheres – Dr.ª Ana Maria Braga da Cruz.

Os cerca de 400 convidados foram recebidos com um cocktail de boas vindas no hall de entrada do Europarge.

ADRIMAG

# Toda a gente se anima com as mesmas coisas? Todas as pessoas manifestam a sua animação da mesma forma?

Cada pessoa exterioriza os seus estados de ânimo de maneira idêntica, em tempos diferentes, ainda que em situações semelhantes?

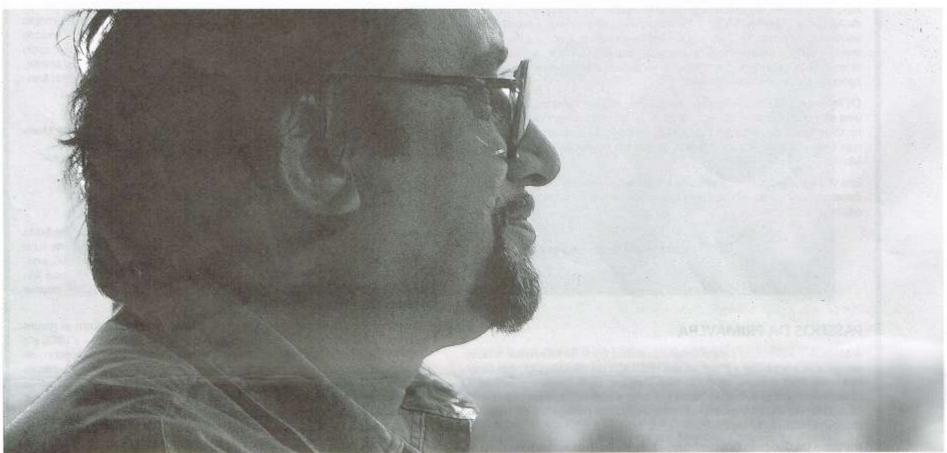


Foto: isto é

Hoje não me animo a falar do que se falou durante as últimas actividades da "Célula", até porque disso falarão as minhas colegas jornalistas que tudo anotaram para vos poder informar com rigor.

Apetece-me, anima-me, falar de animação. Pergunto a mim mesmo porqué, e não encontro resposta, e ainda bem! Se ela a resposta - me surgisse óbvia e espontânea, não tinha necessidade de a procurar, de sentir o prazer da dúvida, do estimulante sentimento de incerteza que me anima a procurá-la, para poder sentir a satisfação de a ter encontrado ou a frustração de não a descobrir. Porque satisfação ou frustração, neste caso, serão sempre dois sentimentos, quer um quer outro, consequência duma acção, de um desejo de entender o desconhecido, um sinal de "vida viva"! (Penso, logo existo?) - até parece conversa de intelectuais...da treta - dirão muitos daqueles para quem é tão difícil exteriorizar o pensamento como o amor; dos que guardam para si com zelo extremo as suas mais íntimas convicções e sentimentos talvez por receio de revelar as contradições entre o que fazem e o que dizem, ou, simplesmente, por comodismo, por preguiça mental ou por receio de se expor à necessidade de ter que argumentar com o outro, à necessidade de ouvir outro. ao esforço necessário para compreender o outro

É verdade, há quem seja egoista e até agiota, com os seus "estados de alma" guardando só para si ou "emprestando por alto preço" a revelação dos motivos e razões pelas quais anda alegre ou triste, animado ou desanimado, ou apenas nem uma coisa nem outra, porque tanto faz. Estes últimos, são sinais da existência de "vidas mortas" ou amedrontadas por perigos reais ou simplesmente imaginados.

Como, ao que parece, é a "alma" que nos anima, ou então, é a "alegria que nos alegra a alma" e é o "estar bem que nos põe alegre", seja como for, embora tenhamos cores símbolos para representar como está ou anda o nosso ânimo, falar de e sobre estas coisas tão "imateriais", até para muitos que ganham a vida como "animadores", é uma chaticel

Todos entendemos que a "animação" e os "animadores" são coisas essenciais ao desenvolvimento das pessoas e indispensáveis (para alguns) ao crescimento da riqueza material de pessoas, comunidades e territórios.

Todos falamos constantemente de uma coisa que temos muita dificuldade em definir e quando, por vezes, surge a oportunidade de discorrer sobre o tema, logo aparece alguém pedindo para quer nos deixemos de filosofias, que não percamos tempo com coisas que nada dizem às pessoas, que se discutam as coisas concretas!

Mas...quais serão as coisas concretas da "animação"? Para mim, a "animação" está para o Desenvolvimento de pessoas e comunidades, como o beijo ou a caricia terna ou erôtica estão para o acto sexual. E todos sabemos que nem sempre essa "animação" se traduz em algo concreto, ou seja, na fecundação e posterior nascimento de um novo ser.

O concreto da "animação" só pode ser mensurável, visivel e quantificável, pelo seu produto. Mas, o produto é tão só o resultado final do processo de animação.

Olhando para o produto (novo ser criança) nada podemos perceber nem aprender sobre o método.de "animação" que levou à acção fecundadora.

Tudo quanto dissermos sobre conceitos e metodologias de animação, tudo quanto tentemos aprender e ensinar sobre a ciência e arte de "animar," (força motriz da reprodução e evolução humana,) nunca poderá deixar de ser, para os adeptos fervorosos das discussões sobre "o concreto", uma espécie de meros exercícios masturbatórios para intelectuais estéreis. E assim, os defensores do "concreto", neste paradigma, desprezam o "abstracto" – a animação – dificultando ou impossibilitando, dessa forma, a criação do concreto!

Há dias acompanhei um grupo de pessoas, mulheres e homens, produtores agrícolas e responsáveis por projectos de Desenvolvimento Local, numa visita de estudo a pequenos agricultores - transformadores franceses, instalados em zonas de montanha, vivendo em condições de isolamento e climatéricas muito duras. O objectivo principal da visita era aprender as técnicas de transformação agro - alimentar em pequena escala e dentro das normas europeias de qualidade e sanidade.

No final da visita, uma senhora que fazia parte da equipa, falando em nome de todos, afirmava: - "o mais importante que aqui aprendi, de longe, foi aperceber-me da força interior que é necessário ter para viver esta vida, como é possível que pessoas com tantos conhecimentos gostem tanto do que fazem e se limitem a tão pouco!

Carlos Jara um dos mais conceituados "animadores" da participação cidadá no Desenvolvimento Local (ver conceitos e preconceitos na página 19) do Brasil, diz-nos que – "O planeamento da sociedade sustentável tem uma dimensão espiritual. A capacidade criativa sempre se desprende da energia espiritual, começa na mirada interior."

É por isso e por tudo o mais que aqui não disse, que a resposta ás perguntas no início deste texto são óbvias, a todas devemos dizer não. Mas, dizer apenas não, é muito pouco, é necessário retirar desse não as consequências que se impõem, aceitando que a animação eficiente e reprodutiva deve ser feita pessoa a pessoa de maneira diversa e ponderada por critérios essencialmente subjectivos.

Ao conceito tão utilizado de "animar populações" devemos opor e preferir o de "animar pessoas".

> Camilo Mortagua Alvito, Março de 2000

### **ESDIME**





A ESDIME nasce em 1989, na Messejana, no âmbito de uma acção inovadora, "Projecto Experimental de Formação para o Desenvolvimento de Micro-Regiões Rurais": dois anos (1988-90), 100 formandos. "Tempos de luta no "arame e sem rede" para se afirmar perante a desconfiança e/ou incredulidade geral", segundo o testemunho do presidente a da associação, José Carlos Albino. Independentemente do caminho percorrido no terreno do desenvolvimento local, a ESDIME toma o partido de não se candidatar ao LEADER I. Porqué? Isabel Benedito, coordenadora-adjunta do GAL, responde: "nós entendemos na altura que éramos uma entidade recém-formada e que ainda não tinhamos a qualificação técnica e capacidade de intervenção necessária para avançar".

A ESDIME apanha o comboio do LEADER II, com uma bagagem mais pesada: NOW, Youthstart, INTE-GRAR, Programas Operacionais (formação), Formação em parceria com o IEFP, Isabel Benedito conta que o ano de 95 foi crítico para a ESDIME. "Nos tínhamos um plano de formação aprovado. Em Fevereiro de 96, foi-nos dito que apesar disso, a verba para o QCA II na área da formação profissional tinha logo esgotado. O plano aprovado de dois anos de formação não seguiu para a frente, no entanto nos já tinhamos iniciado, há 3 meses, duas acções de formação."

A entidade gestora do LEADER e ESDIME. A direcção da ESDIME é quem delibera os projectos propostos ao programa. Até ai, nada de novo. No capítulo da gestão surge, no entanto, uma particularidade. Um protocolo de colaboração com a Associação de Desenvolvimento Local (ADL) e a Alentejo XXI selou a constituição de um órgão de gestão tripartido: a Comissão de Apoio a Gestão (CAGEST), composta por um elemento da direcção de cada uma das direcções. Também participam nessa comissão, a título extraordinário, ainda que regular, os elementos do GAL, que têm a responsabilidade pelos projectos que vão ser deliberados. Por sua vez, a direcção passa ao voto sempre na base das propostas da CAGEST. Dentro da mesma óptica, a equipa do GAL também integra uma representante de cada uma das três associações. Diga-se, de passagem, que a responsabilidade das técnicas está definida por acções e não pelo território. Quando se diz território, isto representa mais de 5.500 km...

De acordo com uma tradição que parece-nos vir do Sul, que fala de cooperação, parcería e associação, a ESDIME orgulha-se de ter mais um instrumento de consensualização: o Conselho de Cooperação. Integra os variadissimos agentes económicos, as instituições, as escolas, as universidades, promotores de projectos da Zona de Intervenção, etc. A sua área de trabalho não se limita ao LEADER, mas a toda a intervenção local. As reuniões decorrem duas vezes por ano, este fórum apresenta uma lista de mais de 200 parceiros. Estas pessoas recebem toda a documentação, todo o tipo de informação útil, não só sobre o LEADER, mas também sobre outros programas e assuntos de interesse.

A prática da parceria estende-se também ao nível das associações vizinhas: a Monte, a Rota do Guadiana, Terras Dentro, IN LOCO, Vicentina, LEADERSOR, ADER AL. Com a ajuda da Rota do Guadiana, da Terras Dentro e da Monte, a ESDIME conseguiu levar para a frente um dos seus cavalos de batalha: o Centro de Oportunidade de Negócios. Isabel Benedito faz a sua descrição: "a ideia é ter alguém qualificado que estudasse as possibilidades de atracção de investimento para a região, no sentido de gerar um maior investimento. A ideia é mesmo atrair negócios, investidores, mas também qualificar e pôr à disposição de promotores individuais do Alentejo tudo o que tem a ver com marketing, oportunidades de negócios, etc."

A estratégia do LEADER da ESDIME assentava, fundamentalmente na questão da animação e do apoio aos jovens. "Após a leitura da greiha que vinha na comunicação aos Estados-membros, entendemo-lo como um processo de animação que deveria gerar complementaridades com os outros sistemas." Isso também diz respeito aos investimentos produtivos, que eram canalizados para outros sistemas de incentivos. A associação propunha nesta área, apoios dirigidos à qualificação das estruturas empresariais (aquisição de competências, promoção, participação em feiras). A mentalidade local de pouco empresariado, quer que ainda esteja muito vocacionada para os investimentos produtivos. Dai o desinteresse para as acções de qualificação. Face à falência de alguns sistemas de incentivos do QCA, a estratégia sofre uma ligeira alteração. O LEADER passou a ser na altura a única alternativa a este tipo de apoio. É os projectos começaram a chover.

Ao contrário das instituições públicas, as associações têm que fazer prova de flexibilidade e de engenho. Na área pilar do apoio aos jovens, a ESDIME teve que descobrir uma solução para que as escolas pudes-sem ser também promotoras de projectos. As escolas de 1º ciclo, os infantários ou as pre-primárias são entidades que não têm autonomia financeira. A burocracia LEADER exige, no entanto, um conjunto de documentos, aquando das candidaturas, que dificilmente podem ser fornecidos por este tipo de estabe-lecimentos. Após um luta cerrada com a Comissão Nacional, a ESDIME fabricou uma solução com uma minuta, que diz que dado não terem autonomia, não se poderiam assegurar a sua efectivação e, portanto, remetiam o problema para o Ministério. O trabalho de uma associação de desenvolvimento local também passa por aqui.

R.A.

### Ficha técnica

Nome: ESDIME – Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste | Morada: Rua do Engenho, nº10 / 7600 Messejana | Telefone: 284 650000 | Fax: 284 655274 | E.mail: esdime@ip.pt | Site: www.esdime.pt | Presidente da Direcção: José Carlos Coelho Albino | GAL: José Carlos Coelho Albino (Coordenador): Isabel Maria Martins Benedito (coordenadora-adjunta); Silvia Maria Cunha de Brito Graça Coelho; Maria João Nobre Duarte Pereira de Brito Braga; Susana Isabel Henriques | Concelhos: Ferreira do Alentejo, Aljustrel, Beja, Ourique, Castro Verde, Odemira e Almodôvar; Grândola e Santiago do Cacém | Area: 5.656 km2 | População: 89.673 habitantes

### IN LOCO





A pre-história da associação de desenvolvimento local mais antiga do país começa em 1985 com o Projecto RADIAL – Rede de Apoio ao Desenvolvimento Integrado do Algarve. A intervenção decorre em 4 freguesias representativas de ambientes socioculturais diversos. Pretende-se que a própria população participe na detecção dos problemas e na construção das soluções. No terreno, a realidade faía de crianças desprotegidas, mulheres inactivas e ausência de animação associativa. As três vertentes estão interligadas. A penetração crescente no território leva a que o projecto ultrapasse as fronteiras definidas numa primeira fase para não se enquadrar mais no âmbito das premisses de trabalho do Instituto Politécnico de Faro, donde tinha partido. A associação IN LOCO constitui-se em Agosto de 1988.

A área de intervenção alárga-se e a actividade intensifica-se até 1991, data de surgimento do LEADER. Os actores da associação acreditam que com este novo instrumento nasce a possibilidade de fazer uma intervenção integrada e sistemática num território. O LEADER é aprovado e a IN LOCO passa a ter um zona de intervenção do tamanho de 27 freguesias dentro de 7 concelhos. Com o LEADER II este território integra um total de 32 freguesias.

A certo momento põe-se esta questão: para não abdicar de um trabalho de mão-de-obra intensiva tem que se fazer crescer desmedidamente a equipe central ou cria-se uma estrutura de animação local, que passa a servir de mediação entre um núcleo central e a própria população. Assim, no LEADER I havia um animador por freguesia, enquadrado e apoiado por um coordenador territorial (um território = um concelho). Na prática isto significava um acompanhamento na definição dos projectos, na sua apresentação e na sua execução.

A formação no terreno era complementada por uma formação em sala. Dois dias por mês, 27 animadores locais eram formados, entre outras coisas, nas seguintes áreas: introdução aos conceitos teóricos; apresentação de instituições; introdução e criação de instrumentos; etc. Estes momentos serviam também para
promover a troca de experiências entre animadores. A nível do concelho, o coordenador territorial era responsável por reunir os representantes das várias freguesias e criar um fórum de debate.

Numa segunda fase, chegou-se à conclusão que nem todos os animadores eram talhados para o oficio. De 27 seleccionaram-se 15, e cada concelho passou a contar só com 2-3 elementos. No LEADER II, recorreu-se também a outro instrumento que não o LEADER, o artigo 6 do FSE. Ai os custos de formação e parte dos custos de funcionamento eram assumidos por outro programa. Introduziu-se, também, a comparticipação das Câmaras no pagamento destes trabalhadores e no pagamento das despesas de funcionamento dos Núcleos. A perspectiva era a perenização do esquema, a autarquia assumindo no futuro, financeiramente, a estrutura.

Tudo isto não teria sido possível se não existisse no terreno uma parceria tripartida que apoiasse o Núcleo Local: a IN LOCO, a Cámara Municipal e uma Junta de Freguesia / uma associação local, que fornecia o espaço de trabalho do Núcleo. No LEADER II e no âmbito do projecto ALICE (artigo 6 do FSE) a parceria quer-se mais ambiciosa. Assim, a Junta de Freguesia ou a associação local é suposta ter uma maior responsabilização no enquadramento do animador. Ou seja, que este Núcleo de Animação Local, financeiramente autónomo, se torne cada vez mais o núcleo de uma entidade local, à qual a IN LOCO poderia vir a dar um apoio técnico. Caso tenham ficado dúvidas, resta dizer que os animadores locais são jovens das próprias localidades e que foi critério de selecção, sempre que possível, serem jovens já implicados no movimento associativo local.

Depois de 14 anos, a IN LOCO atingiu uma dimensão (70 pessoas) "que exige uma gestão empresarial". Com uma nova fase de transição que se anuncia dificil o lema é "tentar sobreviver, sem trair os objectivos e os princípios da associação". O objectivo para o futuro é a IN LOCO tornar-se cada vez mais uma equipe de consultoria, que dá apoio a processos locais conduzidos por outros, podendo a associação sempre conservar algumas áreas de iniciativas ou de experimentação em que há uma intervenção e uma gestão directa. A IN LOCO pretende ter um efeito multiplicador. Em vez de crescer uma equipe desmesuradamente para actuar em todos os territórios, porque não apoiar tecnicamente outros que estão instalados a nivel local, mais próximos dos populações?

A IN LOCO não está agarrada ao LEADER como a uma prancha de salvação. A visão e a estratégia desta associação-modelo vai mais longe e é mais ampla. Quando começou o trabalho no terreno não havia qualquer prática de parceria e a Comunidade Europeia ficava para lá de Espanha. Este facto e determinante no seu percurso. "O LEADER para nós é um instrumento, mas é um instrumento entre outros." (Leia-se: Centros Rurals (4), Artigo 6 do FSE, Artigo 8º do FEOGA (2), Carrefour, RADIAL, NOW, INTEGRAR.)

R.A.

### Ficha técnica

Nome: IN LOCO - Intervenção, Formação, Estudos para o Desenvolvimento | Morada: Rua Actor Nascimento Fernandes, 26 -3° / 8000-201 Faro | Telefone: 289 825032/63 | Fax: 289 827175 | E.mail: inloco@mail.telepac.pt | Site: www.in-loco.pt | Presidente da Direcção: Maria Priscila Araujo Ferreira Soares | GAL: Luis Manuel Martins Ferreira (Coordenador): António Miguel Velez, Artur Filipe Gregório, Carla Cristina Barros, Eva Botinas, Luisa Martins, Manuel Soares, Maria Margarida Guerreiro, Maria Priscila Soares, Sandra Rosário | Concelhos: Silves, Loule, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Castro Marim, Tavira, Vila Real de Santo António | Área: 3.765,9 km² | População: 74.000 habitantes

### **ROTA DO GUADIANA**





Quem? A Rota do Guadiana - Associação de Desenvolvimento Integrado, Onde? No Sudeste alentejano, entre a margem esquerda do Guadiana e Espanha. Quando? A partir de Outubro de 1992. O que? Uma associação feita e criada por pessoas individuais, aberta a entrada de entidades colectivas, protagonistas de processos de desenvolvimento.

Porqué? "Ter um fórum de debate permanente para o desenvolvimento, com capacidade de apresentação de projectos de apolo a iniciativas concretas. Uma ideia clara de trabalhar e definir a margem esquerda do Guadiana." (David Machado)

"Agarrar pessoas com interesse que, de alguma forma, já tinham desenvolvido um conjunto de iniciativas em prol do desenvolvimento local, agarrar um conjunto de pessoas ligadas a instituições locais, que pudessem potenciar uma futura relação entre a associação e as ditas instituições. Agarrar associações, algumas delas de desenvolvimento, que já tinham trabalho no terreno. "A ideia parte de três pessoas: David Machado, do Gabinete para o Desenvolvimento da Câmara Municipal de Serpa; Carlos Pereira, de um Gabinete de Informação e Relações Públicas, e Manuel Janeiro, médico. Trabalham por amor à camisola, trabalham como voluntários num território difícil. A margem esquerda do Guadiana é um território que se caracteriza pela pobreza dos solos e pela inexistência de recursos não agrícolas, à excepção de alguma exploração de mármore. Destaca-se tristemente, porque testemunhou o éxodo rural mais acentuado da região alentejana

A entrada no terreno e suave, mas eficaz. Tecem-se laços e atam-se nos. O primeiro plano de actividades da associação, em 1992, fala de projectos de custo zero. Incentivados pela Rota, mas participados por outras instituições, derivam de interligações entre diversas entidades locais para a geração de sinergias e a criação de iniciativas comuns. Os meios financeiros faltam. O número de associados, esse, não para de crescer. Entre 1994 e 1995, de 36 associados individuais e 7 colectivos contam-se mais 39 individuais. Entretanto, os colectivos também aumentaram para 20. Refira-se que na Assembleia Geral da Rota, seja-se colectivo ou individual, traduz-se sempre por um voto.

Em 1994, é ano de pensar no LEADER. A Rota promove o debate e a participação como metodologia de preparação. Além do LEADER, a aposta vai também para outras iniciativas comunitárias: Horizon (hoje: INTEGRA). NOW e ADAPT. Na área da formação, candidatam-se ao Pessoa. Hoje, a Rota conta no seu curriculo com mais programas: dois Centros Rurais, projectos de Luta contra a Pobreza, a Iniciativa piloto de Promoção Local do Emprego no Alentejo. PEDISA e na área da formação, um LEONARDO. Para acompanhar uma estratégia de actuação integrada e diversificada, o quadro de trabalhadores da ADL preenche-se progressivamente. Devido a profissionalização, pouco já se fala em voluntariado, senão em casos pontuais.

O LEADER permitiu viabilizar um instrumento privilegiado para o bom exercício da parceria: o Núcleo de Acção Local (NAL). A Rota do Guadiana vai mais longe do que a simples descentralização, para reafirmar localmente. "tudo o que nós pudermos fazer em prol da concretização de instrumentos de planeamento. iniciativas e estratégias existentes, fazemo-lo. A ideia é: não nos substituírmos a ninquêm, mas contribuir para." Com isto quer-se incentivar a participação, a implicação e, por conseguinte, a responsabilização das entidades locais pelo seu proprio desenvolvimento. Melhor do que uma busca incansável de novos parceiros para sucessivos projectos, porque não criar uma rede de parcerias, essencialmente dedicada aos projectos. Os NAL surgem na base das instituições que constituiram parceria para a preparação do LEADER e são acolhidos no seu seio. Segundo David Machado, "o NAL tem como responsabilidade não apenas pór o LEADER mais próximo das pessoas, ao nível mais localizado, como reunir tudo o que é opinião em relação a um projecto concreto, que encaminha para a associação." E acrescenta, "o Núcleo tem ainda a responsabilidade de dar corpo às estratégias do território, apolar candidaturas e situações de projecto, iniciativas que as instituições locais decidam promover." Cada NAL é constituido por dois elementos. O coordenador é financiado via LEADER durante os dois primeiros anos, depois desse tempo, a bola passa para a entidade local. Já o animador é contratado pela associação do princípio ao fim. Assim, desenvolvemse 4 NAL (Mourão, Moura, Barrancos e Mértola) no território da Rota.

Ao subir mais uma degrau na lógica de parceria, chega-se ao nivel mais alargado: o Conselho Local de Cooperação (CLC). Quem integra o Conselho? Os coordenadores dos núcleos, as entidades que contribuiram para sua criação e que participaram na preparação do LEADER. O CLC tem um parecer consultivo, pois quem aprova é a direcção da associação. Até hoje o conselho pronunciou-se sempre por unanimidade em relação aos projectos que vinham para aprovação. O que legitimou em muito a decisão por parte da direcção.

Face a um território com uma área de 3.800 km\_, a Rota do Guadiana decidiu dispersar o investimento, recusando grandes projectos. Esta opção revelou-se, por vezes, dificil de gerir e inviabilizou a possibilidade de acorrer a situações de grande interesse para o território. Há consciência que o extremo oposto também não e solução. A estratégia não requer alterações substanciais, ainda hoje continuam a ter em praticamente todas as acções apetência local para projectos.

R.A.

### Ficha técnica

Nome: Rota do Guadiana - Associação de Desenvolvimento Integrado | Morada: Rua da Capelinha, 7 / 7830 Serpa | Telefone: 284 540220 | Fax: 284 540225 | E.mail: ew.rota@mail.telepac.pt | Presidente da Direcção: David Henrique Machado | GAL: David Henrique Machado (Coordenador); Ana Alexandre: Carlos Manuel Abraços Valente | Concelhos: Mourão. Moura, Serpa, Mértola, Barrancos | Área: 3.380 km² | População: 48.228 habitantes

### **VICENTINA**





SUDDESTE

A Associação Vicentina constitui-se no ano de 1992. De 1992 a 1995 pouco faz. Os sócios-fundadores são 13 pessoas individuais. Entre elas, encontra-se Pedro Dornellas. Quando o futuro coordenador do GAL e director executivo da Vicentina poisa as malas na associação em 95, traz com ele um capital de experiência que adquiriu na Terras Dentro, ao fazer a caracterização económica da candidatura ao LEA-DER II. "Fui um bocado determinante na maneira como as coisas foram feitas. Estava, de facto, na posse da capacidade de produzir uma candidatura mais ou menos amanhada..." Após negociação de algumas condições, inicia-se o processo de candidatura em Agosto de 95, que foi entregue no fim desse ano e assinada em Abril de 96. Hoje, o número de sócios aumentou para 33. Refira-se que boa parte dos técnicos da Vicentina são associados. Os oito técnicos recrutados e seleccionados receberam uma formação em desenvolvimento rural e em sistemas de incentivos, de 400 horas, que decorreu entre Novembro de 96 e Fevereiro de 97. A primeira tranche de financiamento chega em Março de 97.

"É uma organização muito jovem que está a dar os primeiros passos com o LEADER e alargou a actividade a formação profissional. Nos consideramos que a formação profissional é um instrumento excepcionalmente bom para o desenvolvimento." A Vicentina está acreditada para dar formação. De facto, não constitui uma mera actividade complementar. O departamento de formação da associação já desenvolveu 4 acções de formação, no âmbito da Medida 2 do Integrar e uma na Iniciativa Emprego – Youthstart para técnicos de animação turística.

Cerca de 70% da zona de intervenção da Vicentina está no Parque Natural, na Rede Natura 2000 e na reserva agrícola. Daí o desenvolvimento de uma estratégia de intervenção para este tipo de território. Face à dimensão do território e ao montante do PAL, uma conclusão impõe-se: é impossível ter um GAL capaz de dar resposta localmente, ou noutras palavras, "ter uma intervenção localmente com rosto". Pedro Dornellas conta, "esta foi uma questão central, que influenciou o nosso PAL, porque abrimos na área do apoio técnico ao desenvolvimento rural uma acção, que se traduz pelo serviço de atendimento e de animação local, em que se deveriam constituir parcerias entre as autarquias, cooperativas ou associações locais e o LEADER para a criação de Gabinetes Tecnicos de Apoio ao Desenvolvimento". A organização que iria acolher o Gabinete seria uma associação, uma cooperativa ou a administração local. Assim aconteceu em Lagos, Monchique e Aljezur. Em Odemira o processo sofreu uma ruptura com a Associação de Desenvolvimento Local (ADL). Assim, o único gabinete que acaba por ser assumido inteiramente pela Vicentina é em Odemira. Em Vila do Bispo, deixou de haver esta estrutura que funcionava no seio de uma UNIVA, porque ela entretanto fechou as portas.

Cada gabinete é um projecto. Em Monchique, a candidatura parte da Câmara Municipal. Este gabinete cobre os territórios de Monchique, Portimão e Lagoa. A relação de um para três explica-se. Segundo o coordenador, "Portimão é uma zona profundamente urbana, so a freguesia de Mexilhoeira Grande é que é rural, enquanto que Lagoa é um concelho com uma densidade populacional elevadissima". Os parceiros eram sempre Câmaras, excepto no caso de Odemira. Estes gabinetes dinamizam, informam, recebem e fazem candidaturas a outros programas. Os programas que figuram no curriculo da associação são: um Centro Rural. Integrar, Youthstart. Rede Balcões RIME e uma Iniciativa Piloto.

"E relativamente fácil fazer animação económica, é muito mais dificil fazer animação sócio-cultural. O vício é fazer chegar o QCA a estas populações que nunca beneficiaram dele. Depois do primeiro e do ségundo sucesso, torna-se relativamente fácil fazer animação económica. A dimensão da solicitação ocupa integralmente o técnico e "as urtigas" a animação sócio-cultural. "O território e uma questão central. Antes de mais, o técnico de desenvolvimento tem que "ganhar" o território e ser reconhecido no território. Revela-se determinante a capacidade do técnico em receber a intenção de investimento e a canalização para os diferentes programas.

Em termos de concretização de estratégias, fala-se, com orgulho, na criação dos gabinetes, como um projecto multiplicador. A transformação agro-alimentar está em boa via, embora a questão do licenciamento e da legalização funcione ainda como um entrave e não uma legitimação. Os serviços de proximidade têm uma dotação claramente insuficiente, em relação à importância que poderiam ter. O alojamento turístico deixado a zero, por opção, e fonte de divisão de opiniões. É bom ter ficado de lado, mas...

Dois anos de experiência e de presença no terreno ainda são insuficientes, em termos de visibilidade do trabalho. Não obstante, começa-se a notar algum reconhecimento local, graças à descentralização. Por ironia do destino, Pedro Dornellas proclama que "a vitória desta estratégia seria a inutilidade da Vicentina, por terem nascido "n" ADL, onde os técnicos acabariam por estar inseridos na mesma." A contribuição para o desabrochar de muitas ADL no território é o sinal que o desenvolvimento local está a crescer e a multiplicar-se e que a população está a participar a partir do seu território.

R.A

### Ficha técnica

Nome: Vicentina – Associação para a Protecção e Desenvolvimento do Algarve Sudoeste| Morada: Rua Dr. Joaquim Tello, 31 – 1º / 8600 Lagos | Telefone: 282 761753 ou 760241| Fax: 282 763327 | E.mail: vicentina@mail.telepac.pt | Presidente da Direcção: Joaquim Paleta Marreiro | GAL: José Pedro Bustorff Dornellas Cysneiros (Coordenador); Sara Isabel Duarte de Jesus; Paula Maria Gonçalves Fernandes; Ana Paula de Jesus Boto; Inácia Maria dos Santos Cabrita | Concelhos: Aljezur, Lagoa, Lagos, Monchique, Odemira, Portimão, Vila do Bispo | Área: 2.368 km2 | População: 6.6021 habitantes

### A SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

No Brasil, como cá, no «Novo Mundo» como na «Velha Europa,» a questão do desenvolvimento local e da sua sustentabilidade, suscitam grande interesse.

Começamos neste número de PESSOAS E LUGARES a transcrever partes de um livro da autoria de Carlos Júlio Jara, editado pela Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco - PRORURAL e pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, sob o título: - "A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local - desafios de um processo em construção".

No momento em que a todos nos é exigido um sério esforço de reflexão sobre o que possam ser: « estrategias originais de desenvolvimento local integrado, durável e de grande qualidade, que tenham por objecto a experimentação de novas formas de, entre outras coisas, melhorar a capacidade organizacional das nossas comunidades »,tal como são exigidas para as candidaturas ao Programa LEADER +, parece-nos importante que tenhamos a oportunidade de conhecer maneiras diferentes de conceptualizar outras estratégias e práticas de Desenvolvimento Local.

Sendo minha a responsabilidade da escolha, competirá aos leitores avaliar da pertinência e actualidade da sua publicação. Embora o autor se refira especificamente à realidade do nordeste do Brasil, será interessante, penso, analisar até que ponto essa «especificidade» nos é também familiar, e muito menos especifica do que se poderia supor.

# PLANEAMENTO PARTICIPATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA SOCIEDADE LOCAL

Antes de falar de planeamento participativo como estratégia e instrumento orientador da transição para um novo tipo de sociedade local, é conveniente insistir na oportunidade histórica de mudança que incorpora o processo de descentralização. O "local" município passa a constituir uma esfera estratégica para fomentar o exercício da cidadania, baseada no conhecimento e orientada por novos valores.

Nesse espaço, nessa unidade político-administrativa-territorial, é possível articular o movimento social, a identidade cultural, as práticas sociais e os processos de produção de conhecimentos, para definir um caminho alternativo de sociedade. É no âmbito local que interagem as organizações comunitárias, as unidades empresariais, as redes de infra-estrutura, os intermediários comerciais e financeiros, com o meio natural.../

O município é o responsável de orientar o processo de transição para um modelo sustentável de desenvolvimento local. E isso exige o desenvolvimento de uma nova institucionalidade - democrática, moderna, representativa, transparente e competente - que possibilite o planeamento de forma participativa junto do povo. Exige mecanismos diferenciados de gestão que articulem o governo local, bem como amplas parcerias do município, com a sociedade. A transição, a construção do futuro, depende da qualidade e determinação política para criar condições políticas e energias colectivas, culturais e espirituais, para mudar relacionamentos. Depende também da organização do povo, de diálogos e de alianças entre actores de espaços de participação, institucionalizados ou não. Estamos falando de mecanismos democráticos, entendidos como oportunidades para o envolvimento das pessoas na vida social, económica e política local, como formas concretas de processamento de interesses e intervenção directa na tomada de decisões; unidades de «emponderamento» que permitam a mobilização da experiência e a criatividade dos actores sociais, fortalecendo sinergias e possibilitando o controle das políticas públicas.

### CULTURA E MUDANÇA DE RELACIONAMENTOS

Porque insistir tanto em princípios e valores universais quando se trata de entender o significado e as formas de planeamento participativo? A capacidade de construção do futuro depende dos valores, das orientações e dos objectivos, tanto quanto das circunstâncias, recursos, instrumentos de análise e possibilidades técnicas e financeiras de intervenção./...Modelar uma imagem de futuro, em realidade, não é um processo automático; traduz, com frequência, conflito, turbulências, ruptura com o estado de coisas, bem como energias políticas, emoções colectivas, articulações sociais, mudanças de atitudes e comportamentos. Dai a importância da participação, como pedagogia, como prática da cidadania, como preparação para a liberdade, como capacitação orientada à mudança de valores e relacionamentos.

Sem dúvida, o planeamento democrático configura a possibilidade de que os cidadãos organizados tenham um papel relevante no processo de desenvolvimento da sociedade. Mas de que serve todo um esquema participativo sem o paradigma baseado nos princípios e valores da sustentabilidade?

Podemos articular actores, promover um processo de diálogo, tentar converter os interesses particulares em objectivos públicos partilhados e, no entanto, permanecer prisioneiros do mesmo desenvolvimentismo. Quais valores e princípios? Os valores de quem? O futuro e as prioridades de quem? Vamos continuar, por exemplo, considerando o crescimento económico como um fim em si mesmo, ou como um meio para assegurar o bem estar e a qualidade de vida das gerações presentes e futuras? Qual é o sentido do crescimento económico ilimitado se o dinheiro gerado tem ou deve ser investido na correcção dos próprios problemas criados pelo crescimento? De que serve um planeamento democrático se não contribui para resolver esses problemas invisiveis da pobreza? De que servem as decisões participativas que promovem esquemas económicos que não consideram o valor real do capital de recursos naturais empregados nos processos? De que serve essa massa de projectos comunitários antipobreza, ainda quando identificados, negociados e gerenciados pelas próprias associações, se não se consideram os valores, as práticas e os comportamentos que explicam, negam ou inferiorizam as pessoas, bem como símbolos de identidade, integração social e confiança colectiva, ao longo do tempo?

O planeamento democrático e interactivo, aplicado á construção de uma sociedade sustentável, precisa de um novo paradigma de desenvolvimento..../

/...É dificil pensar num futuro alternativo quando o imaginário se encontra contaminado pelo materialismo economicista. A resistência é muito grande, todos se agarram aos modelos conhecidos. De que serve um planeamento democrático que, em nome do desenvolvimento, legitima processos de autodestruição?

Podemos afirmar que o processo de construção de uma sociedade sustentável é, fundamentalmente, um problema cultural.

Entender as capacidades das sociedades locais para se automobilizar e mudar relacionamentos passa por entender o papel da cultura no processo de desenvolvimento.

E isso significa que o processo de planeamento da sociedade local sustentável não se constroi apenas sobre bases técnicas, racionais, lógicas, materiais e quantitativas. Não é um simples movimento linear de causa a efeito desligado dos aspectos subjectivos que, sendo invisíveis, são essenciais. Dal a importância das técnicas pedagógicas participativas no processo do planeamento democrático; a necessidade de repensar e criar metodologias interactivas de elaboração de planos municipais, de modo a adaptá-las aos processos de descentralização e democrátização.

O planeamento participativo - a participação social - deve ser entendido como processo de aprendizagem e conquista; ele mexe com a estrutura de poder e, por conseguinte, com a cultura política.

### QUEIJADAS DA GRACIOSA

# O doce nunca amargou

Conhecida de há muito pela inquietante beleza das furnas, Graciosa dá também nome a uma especialidade açucarada a que chamam queijada. A história deste doce tradicional não é conhecida mas o certo é que as Queijadas da Graciosa ganharam fama, "asas" e o estatuto de "passageiro" frequente nas linhas aéreas dos Açores.





Entre os locais (de maior interesse) que os guias turisticos aconselham a visitar na Graciosa, a Pastelaria Queijadas da Graciosa não consta. No entanto, a proprietária - Maria de Jesus dos Santos Bettencourt Félix - já não estranha quando turistas e outros curiosos lhe batem à porta. Provar, ali mesmo, à boca do forno, as (deliciosas) queijadas, em forma de flor, é uma tentação. Depois levam-se mais umas quantas "lá para casa".

Maria de Jesus é o único fabricante autorizado. A pastelaria situa-se na freguesia da Praia, a pouco mais de seis quilómetros da sede do (único) concelho da ilha, Santa Cruz. E por isso também são conhecidas por Queijadas da Praia. Este era, aliás, o nome pelo qual Maria de Jesus pretendia dá-las a conhecer mas a proposta não foi aceite quando chegou a hora de fazer o registo. Uma questão que não causou muita inquietação porque as preocupações, nessa altura, já eram outras.

Da construção de uma cozinha semi-industrial, anexada à habitação, numa primeira fase, às actuais instalações foi um abrir e fechar de olhos. Na verdade passaram cinco anos, mas para Maria de Jesus parece que foi ontem. E quando para para pensar, até lhe custa a crer, acrescenta.

Como tudo começou até sabe mas depois como evoluiu tão rapidamente já é mais dificil lembrar. Aprendeu a fazer as queijadas com uma tia: tinha 14 anos. Entretanto casou e foi para Angra onde ficou a viver durante oito anos. De regresso à Graciosa (de onde é natural), e em conversa com uma prima, surgiu a ideia de fazer queijadas "para fora". "Uma caixinha com 50 queijadas, por dia ou de dois em dois dias para o café da Vila. Nunca mais me esqueço", sublinha

Maria de Jesus num dificil exercicio de memória. A "coisa" começou a crescer e passados dois anos, em 1994, já pensa em ampliar o negócio. Com o apoio do Governo regional, no âmbito do SIRA (Sistema de Incentivos da Região Autónoma Açores), Maria de Jesus inaugurou em Maio do ano passado a sua nova pastelaria.

As primeiras encomendas para o café de Santa Cruz, seguiu-se a primeira encomenda para a Terceira. Depois para S. Miguel, Faial, S. Jorge, Flores e, há cerca de um ano, para o Continente. À venda nas pastelarias e nas casas de doces regionais, as queijadas da Graciosa depressa ganharam fama e "asas". Por vezes, do outro lado do telefone, a encomendar queijadas, aparecem desconhecidos. O que leva Maria de Jesus a acreditar que "muita gente já a conhece", apesar de "não gostar de muita publicidade".

Na difícil tarefa de responder a todas as encomendas. Maria de Jesus tem a ajudá-la mais três mulheres, todas ali da Praia e conhecidas de longa data. O marido também ajuda na distribuição e na "papelada". Depois de despachadas no aeroporto de Santa Cruz, as queijadas são entregues aos representantes. São eles os responsáveis pela distribuição em cada uma das ilhas onde chegam as queijadas. Muitos deles nem sequer os conhece pessoalmente mas considera-os de "muita confiança". "O mais frequente acontecer é, depois de um primeiro contacto seguir um remessa para experimentar. Depois logo se vé".

A possibilidade de colocar as queijadas no Continente surgiu através de um armazenista da Terceira que faz chegar as queijadas da Graciosa, e outros produtos dos Açores, a

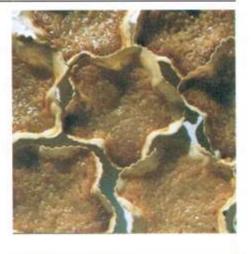


Lisboa sempre que é preciso. O que é realmente necessário é dar conta do recado, principalmente no Verão, quando os números duplicam. As encomendas "chovem" de todos os lados, ou melhor, de todas as ilhas. De uma media de 500 queijadas por dia, as encomendas rapidamente atingem o milhar, e mais até. A maior quantidade que a Pastelaria Queijadas da Graciosa conseguiu produzir num dia foram 2.500 queijadas. Uma excepção para esquecer, na (modesta) opinião da proprietária.

Mais encomendas, mais matéria-prima. As quantidades necessárias extravasam, em muito as capacidades de produção da pequena ilha da Graciosa. Os ovos vão todas as semanas da Terceira, o leite e a manteiga, quando possível da fábrica de laticínios da Graciosa, quando não, da Terceira, de onde também sai o açucar. Quando começou estes números faziam-lhe alguma confusão, mas agora, confessa, já se habituou.

Ao que também já se habituou foi à presença dos "aprendizes" de pasteleiro. A iniciativa partiu das escolas e foi bem acolhida por Maria de Jesus que, de repente, se viu no papel de professora. Alguns, diz, demonstraram aptidoes para o ramo. E alguns até voltam nas férias escolares. Uma ajuda (preciosa) nos dias de maior aperto,

Quanto à receita, Maria de Jesus confessa que nunca a viu escrita, mas que não tem segredo nenhum. É só juntar os ingredientes e levar ao forno a cozer. Não será assim tão simples, mas para quem quiser tirar a prova, aqui fica a lista dos ingredientes para 50 queijadas (uma quantidade impraticável na pastelaria de Maria de Jesus, mas ainda assim "tipo" familiar) e o modo de fazer. Boa sorte!



### Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Propriedade:

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Administração e Redacção:

INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II Rua Marquesa de Alorna, nº 34 – 2º Esq. 1700-304 LISBOA Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623 Email, caleader@inde.pt

Mensario

Director: Samuel Thirion

Editor: Camilo Mortágua

Chefe de Redacção: Francisco Botelho

Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto E

Redacção: Paula Santos; Rosário Aranha

Fotos da Capa:

"Romeiro e artesão de S. Miguel", Paula Santos

Colaboram neste número:

ADRIMAG: Luis Chaves; Luis Alvarez; Marta Alter Palhinha; Miguel Ventura; RUDE: Simone Arzeni.

Paginação e pré-impressão:

Isto e, comunicação visual, Ida Rua de Serralves, 693-697 Apartado 1503 4107-001 PORTO Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79 e-mail: isto-e@esoterica.pt

Impressão: Tipografia Silvas, CRL Rua D. Pedro V. 122 - 1º E 1250-094 LISBOA

Número de exemplares: 3.500

Depósito Legal nº 142 507/99











### Queijadas da Graciosa

Para a massa: farinha, manteiga, sal e água. Amassar muito bem todos os ingredientes. Estender a massa com o rolo até ficar fina. Forrar as formas (de queques) previamente untadas com manteiga.

Para o recheio: 1 kg açúcar, 9 gemas, 2 dl de leite, 1 colher (sopa) de manteiga e uma pitada de canela. Levar ao lume o leite com o açúcar até obter um creme. Deixar arrefecer. Juntar a manteiga e as gemas em fio, mexendo sempre, para que não cozam. Voltar ao lume, sem deixar de mexer, para cozer as gemas e engrossar. Deitar uma pequena porção nas formas quando estiver completamente frio. Levar ao forno.